

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DCSO – Departamento de Comunicação Social
FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Curso de Jornalismo

O JAPÃO TAMBÉM É AQUI

Caderno especial sobre a cultura japonesa em Bauru

Bauru, 2014

Carolina Seiko Machado
Felipe Eugênio Troiano de Godoy

O JAPÃO TAMBÉM É AQUI

Caderno especial sobre a cultura japonesa em Bauru

Memorial de Projeto Experimental apresentado em
cumprimento parcial às exigências do Curso de
Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, do Departamento de Comunicação Social,
da Unesp – Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Bauru, 2014

Godoy, Felipe Eugênio Troiano de; Machado,
Carolina Seiko.

O Japão também é aqui : caderno especial
sobre a cultura japonesa em Bauru / Felipe
Eugênio Troiano de Godoy ; Carolina Seiko
Machado, 2014

114 f.

Orientador: Claudio Bertolli Filho

Memorial de Projeto Experimental (Graduação)-
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2014

1. Jornalismo 2. Cultura japonesa. 3. Bauru.
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

Aos nossos avós,
pais, amigos e mestres
(japoneses ou não)

Agradecimentos

A Deus, pelos presentes pedidos em silêncio e entregues da mesma maneira. Agradeço à minha família, em especial ao meu irmão, pelo apoio e companheirismo de sempre. Aos professores que incentivaram e contribuíram para minha formação como pessoa e profissional inquieta. Ao companheiro de Muse, Marco Antonio, pela hospitalidade. Obrigada aos meus amigos, próximos e distantes, aos novos e velhos, por serem parte da minha história. Ao nosso orientador, Bertolli, pela experiência e o “diabo a quatro”. Um muito obrigada ao meu amigo e parceiro de TCC, Felipe, pelas horas de fineza e pelas horas da ausência dela, e também por lidar com o meu jeitinho. A todos os que sorriram pensando neste dia e acreditaram que ele chegaria – no tempo certo!

Carolina Seiko Machado

Agradecimentos

A meus pais pelo apoio e compreensão nesses quatro anos de faculdade. A minhas avós, responsáveis por boa parte da minha educação e pela formação de minha personalidade e caráter.

Agradeço ao nosso orientador Claudio Bertolli, em cuja disciplina atentei para o interessante tema dos imigrantes no Brasil. Um muito obrigado ao Marco Pompei, do qual me tornei quase um inquilino nos últimos meses. Não posso esquecer de agradecer a toda comunidade nipônica de Bauru, sem ela provavelmente ainda estaríamos atrás de um tema. Por fim, agradeço imensamente a minha parceira Carol, por me aguentar, rir das minhas piadas e não surtar, quando as coisas não iam bem.

Felipe Eugênio Troiano de Godoy

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Panorama do jornalismo impresso	8
1.2 A integração da cultura japonesa no Brasil	9
2 O PROJETO	11
2.1 Problema.....	11
2.1.1 Descrição do problema.....	11
2.2 Proposta.....	12
2.3 Justificativa.....	13
2.4 Objetivos	14
2.4.1 Objetivo geral	14
2.4.2 Objetivos específicos.....	14
2.5 Metodologia.....	15
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	17
3.1 Questões do jornalismo	17
3.1.1 Jornalismo impresso – suplemento	17
3.1.2 Entrevista.....	18
3.1.3 Reportagem.....	20
3.2 O imigrante japonês no Brasil	21
4 O SUPLEMENTO.....	27
4.1 Escolha do veículo impresso e do produto.....	27
4.2 Projeto editorial	28
4.2.1 A linguagem	28
4.2.2 O público-alvo	29
4.3 Projeto gráfico	30

4.3.1 Especificações técnicas para o corpo do texto.....	32
4.4 O processo de produção.....	33
4.4.1 Levantamento e definição das pautas.....	33
4.4.2 Busca e escolha das fontes.....	36
4.4.3 Redação das matérias.....	38
4.4.4 Captação e seleção das imagens	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	45

1 INTRODUÇÃO

1.1 Panorama do jornalismo impresso

De modo geral, não apenas com o meio impresso, o jornalismo vem se tornando uma atividade vista por muitos como muito cômoda, cujo cerne reside na praticidade que hoje jornalistas e não-jornalistas têm ao seu alcance, com destaque para a internet e os aparelhos de telefonia móvel. É possível fazer um registro com o celular, com vídeo ou áudio, e “publicá-lo” em praticamente tempo real na web e, para alguns, a informação em mãos em questão de segundos é o suficiente.

Sites como YouTube colecionam canais de todos os tipos de assunto, esses, por sua vez, revelam-se como novas fontes de informação e ainda como formadores de opinião, pois seus principais consumidores de conteúdo nasceram ou cresceram regidos por esse tipo de mecanismo tão facilmente acessível, fonte de informação que chega ao ponto de ser considerada “gratuita” – e são essas pessoas que acabam se afastando das demais fontes de informação. Além disso, a tecnologia empreendida pelo YouTube, por exemplo, permite um filtro de informações ao gosto do usuário, confirmando o nicho ao qual o jornalismo, inclusive o impresso, acaba buscando para sobreviver, que é a especialização. Porém, o diferencial do jornalismo em relação a essa nova realidade é que, para ser bom, os jornais devem apresentar informações de qualidade, o que depende da responsabilidade e competência do profissional que levanta as pautas, realiza as apurações e edições com compromisso social, ético e com zelo. É preciso pensar além da cadeia de produção, organizar as informações a que o público já tem acesso e estabelecer ligações que tragam novas reflexões.

Entre os obstáculos que chegaram de carona com as novas tecnologias, a tendência é de que o jornalista troque as ruas para ficar atrás do computador, onde, em detrimento das entrevistas feitas pessoalmente, faz por telefone ou ainda por e-mail. Ricardo Kotscho (2005), no capítulo de título desafiador para os recém-formados jornalistas, *Lugar de repórter é na rua*, afirma que “Repórter

costuma reclamar muito de tudo, faz parte do ofício, mas mesmo chiando tem que sair na chuva e se molhar”. Em vez de o jornalista ir a campo para buscar sua fonte, depois de uma pesquisa sobre potenciais entrevistados e sobre o assunto, faz o oposto. Tal inclinação é observada também por Cremilda Medina (2002, p. 37) que afirma que

O que se vê, no entanto, é o contrário – o repórter sai com endereços (tradicionais) certos e até se revolta se, por acaso, a entrevista não for marcada previamente pelo pauteiro. A familiaridade e a “sintonia” de fontes “domésticas” leva a que se difunda burocraticamente o comportamento de entrevistar pelo telefone”.

Portanto, a fim de firmar sua relevância na sociedade e não perder a sua essência de informar, o jornalismo diário impresso precisa encontrar maneiras para se destacar e ainda mostrar porque é necessário ao dia a dia da sociedade. Para Kotscho (2005, p.10)

O que realmente diferencia um jornal do outro – e, em consequência, um repórter do outro – é a sua capacidade de transformar os pequenos fatos que fazem o dia-a-dia da cidade, do país e do mundo em matérias boas de ler.

1.2 A integração da cultura japonesa no Brasil

Os japoneses e seus descendentes, diferente de imigrantes de outros países, enfrentaram dificuldades diversas com relação à sua adaptação no Brasil no período em que trabalhavam nas lavouras no século passado, sendo a língua a principal delas. Além disso, aspectos da própria cultura nipônica, marcada por uma sociedade com tradições rígidas com fortes traços patriarcais.

Mas, conforme afirma Tomoo Handa (1987, p. 791),

Após a guerra, com a mudança do objetivo último de retorno ao Japão para o de permanência definitiva no

Brasil, quando os seus filhos nisseis e sanseis começaram a participar da sociedade brasileira, [os imigrantes japoneses] desejaram que recebessem a educação para melhorar a posição social e serem respeitados pelos brasileiros.

Hoje, suas comidas são apreciadas em restaurantes e adaptadas ao gosto do brasileiro, a seriedade com que lidam com os estudos é sempre lembrada pela mídia em algum momento em épocas de vestibulares por todo o país e até mesmo aspectos mais recentes de sua cultura, como séries televisivas e animações, ganharam espaço nos anos 80 e 90.

E, de uma forma respeitosa e tradicional, festas típicas que resistiram ao período de trabalho nas colônias, são celebradas anualmente nas principais cidades que concentram japoneses e seus descendentes. Conforme afirma Santos, (1985, p.38)

Com a aceleração da interação entre povos, nações, culturas particulares, diminui a possibilidade de falar em cultura como totalidade, pois a tendência à formação de uma civilização mundial faz com que os povos, nações, culturas particulares existentes partilhem características comuns fundamentais. [...]

Portanto, é fundamental observar não apenas os fatores históricos, mas seus desencadeamentos e contornos atuais levando em conta as particularidades que caracterizam essa comunidade hoje em um determinado local.

2 O PROJETO

2.1 Problema

Diante de efemérides como o Centenário da Imigração Japonesa, em 2008, muito do aspecto histórico foi levantado pela grande mídia, bem como as comemorações à época dessa data. O tema ganhou destaque em festividades como o Carnaval do Rio de Janeiro São Paulo, em que renderam mote para sambas-enredo. A cidade de Bauru frequentemente é lembrada pelo sanduíche homônimo e considerada uma outra capital, localizada ao centro do estado, com destaque para seu entroncamento ferroviário. No entanto, raízes dos descendentes de japoneses foram firmadas no município, o que nem sempre é lembrado.

Por se tratar de um aspecto cultural, não tão dissolvido no cotidiano dos brasileiros, como a cultura de outros países, por exemplo, a cobertura jornalística sobre a presença japonesa acaba restrita a eventos anuais ou apenas a dados históricos, sem mostrar de forma aprofundada a integração existente hoje, que já é diferente de anos atrás.

Portanto, com esse projeto, através do trabalho jornalístico, busca-se compreender até que ponto os imigrantes japoneses e seus descendentes influenciaram e influenciam a cultura e o comportamento dos moradores do município de Bauru – e ainda, o quanto eles foram influenciados pela cultura estabelecida na cidade.

2.1.1 Descrição do problema

O jornalismo impresso vem lutando contra seus velozes companheiros veículos enquanto tenta se diferenciar, especificando-se, aprofundando-se e antecipando-se, mas enquanto seus donos não se arriscam (ou vão a passos tímidos) em busca de novas alternativas para sobreviver, seja em assuntos, estilos de texto e diagramações mais atraentes; os cadernos especiais, com

um ar de coleção, mostram-se uma opção de mudança e adequação gradual a essa realidade.

Bauru é frequentemente lembrada pelo sanduíche homônimo, pelo forte comércio, mas pouco se fala sobre a influência que os imigrantes japoneses exerceram e exercem sobre a cidade. Para ocupar esse vazio informativo, os discentes propuseram-se a elaborar um suplemento jornalístico com abordagem sobre variados aspectos relevantes e curiosos da cultura nipônica em Bauru. Valendo-se de entrevistas com imigrantes, descendentes, historiadores, busca-se contar a história desse povo que desde sua chegada enriqueceram a cultura brasileira.

2.2 Proposta

Com base em outros trabalhos desenvolvidos ao longo do curso, observou-se que a integração maior entre a cidade de Bauru e a comunidade de origem japonesa se dava durante a gincana anual chamada “Undokai”, que serviu ao presente trabalho como ponto de partida e também como matéria principal.

O suplemento é uma iniciativa piloto, não elaborado a partir dos padrões (editoriais ou gráficos) de jornais existentes em Bauru. Buscou-se uma abordagem mais leve tanto na questão da diagramação, linguagem do texto e também ao conteúdo, valorizando-se a identificação do leitor com as histórias retratadas no produto ou mesmo com as informações de serviço, de forma a instigar a curiosidade do leitor a interagir também com o assunto abordado no suplemento, conforme afirma Noblat (2010, p. 16),

Donos de jornal e jornalistas estão cansados de saber que os jornais devem: renovar sua pauta de assuntos para ganhar mais leitores, principalmente mulheres e jovens; surpreender mais e mais os leitores com informações que eles desconheçam; humanizar o noticiário e abordar os temas pela óptica dos leitores; [...] conferir menos importância às notícias de ontem e ocupar-se em antecipar as que ainda estão por vir; [...]

Para garantir continuidade e visando a consolidação de um suplemento para um jornal na cidade de Bauru, os discentes propuseram a criação de uma série de suplementos, intitulada *Bauru de Todos* com periodicidade mensal que tivesse como objetivo mostrar diferentes faces da cidade. O suplemento *O Japão também é aqui* seria a primeira edição dessa série. No jornal a que o suplemento fosse vinculado, em uma seção dedicada a cultura ou lazer, uma chamada explicativa sobre a série poderia ser inserida, de forma a introduzi-la ao leitor. Sugestões para próximos suplementos incluem o tema Música e Dança, e Esportes Amadores.

O produto, seguindo a ideia proposta, foi delimitado com as seguintes configurações:

- Formato: a3 (42cm x 29,7cm)
- Papel: sulfite
- Número de páginas: 16
- Colorido
- Periodicidade: mensal

Segundo Santos (1985, p.41), cultura inclui as maneiras como uma sociedade expressa seu conhecimento através da arte, religião, esportes e jogos, entre outros. Assim, estudar suas ideias, doutrinas, práticas costumeiras e rituais é

[...] entender o sentido que fazem essas concepções e práticas para a sociedade que as vive, buscando seu desenvolvimento na história dessa sociedade e mostrando como a cultura se relaciona às forças sociais que movem a sociedade.

2.3 Justificativa

Miscigenadas, cerca de 2500 famílias formadas por imigrantes e descendentes de japoneses residem em Bauru, mas ao contrário de outras cidades do interior, como Marília e Bastos, Bauru não é tida como um polo de imigração japonesa e os eventos relativos a essa cultura na cidade não

recebem tamanho destaque na mídia como nos outros municípios citados. Além disso, a cultura japonesa é mais conhecida pela geração atual por meio da mídia de entretenimento, muito adaptada aos moldes ocidentais, o que pode fazer com que a essência da cultura se perca nesse processo.

Conforme afirma Brandão (1986, p.7),

O outro sugere ser decifrado, para que os lados mais difíceis de *meu eu*, do *meu mundo*, de *minha cultura* sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu.

Portanto, justifica-se a produção de suplemento jornalístico focado no tema de forma que o produto busca voltar a atenção do bauruense para essa realidade discreta e tenta responder o como é ser descendente ou imigrante japonês em Bauru.

2.4 Objetivos

2.4.1 Objetivo geral

Explorar a cultura japonesa presente na cidade de Bauru por meio de um suplemento que não apresente informações relevantes ou atraentes apenas para as pessoas interessadas nessa cultura, mas de um modo geral, que traga aos leitores maior compreensão e conhecimento sobre a influência japonesa no município e suas contribuições.

2.4.2 Objetivos específicos

- Compreender melhor a cultura japonesa e sua influência no município de Bauru e com essas informações ter base para redigir as matérias.
- Explorar histórias de vida buscando a identificação e conseqüente aproximação do leitor com os personagens.

- Elaborar um suplemento com conteúdo claro, com boas fotografias, projeto gráfico leve que desperte a curiosidade tanto para o tema principal e que possibilite a participação do leitor no universo retratado, assim como fidelizá-lo para as próximas edições da série.

2.5 Metodologia

2.5.1 Método de abordagem:

Método Hipotético-dedutivo

Os discentes partirão do pressuposto que existe uma lacuna de informação no jornalismo com relação à influência da sociedade nipônica presente no município de Bauru. Com isso, buscarão elaborar um produto que ofereça à população dessa cidade maior entendimento sobre o tema.

2.5.2 Método de procedimento:

Método Histórico

Através desse método os alunos estudarão a imigração e o processo de fixação dos japoneses na cidade de Bauru, o que irá auxiliar na compreensão do cenário atual.

Método Monográfico

Será utilizado este método para construir um panorama da cultura japonesa através do estudo de indivíduos, instituições e comunidades ligados a ela.

Método Observacional

Boa parte do contato dos discentes com o tema se dará por esse método, já que trabalharão em campo ao realizar entrevistas e ao visitar instituições e eventos.

Método Estruturalista

Ao fazer uso desse método, os alunos usarão as informações obtidas na pesquisa histórica e bibliográfica para confrontar as impressões coletadas a partir de visita aos bairros, clubes ou eventos .

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

3.1 Questões do jornalismo

3.1.1 Jornalismo impresso – suplemento

Em vias de se sustentar como veículo, os jornais diários encontram em seu irmão – o jornalismo de revistas – uma saída para cativar o leitor com um texto mais trabalhado, com narrativas instigantes e não apenas diretas, ao estilo *lead*, de todo dia. Por isso, os jornais de domingo oferecem oportunidades para que cadernos culturais aprofundem em algum assunto seguindo a estratégia da segmentação, conforme indica Carvalho (2007), “Pode-se verificar que a maioria [das revistas] se dedica ao chamado jornalismo de serviço. Essa fragmentação do trabalho jornalístico dos diários acaba tendo função também de fidelizar o leitor”.

Portanto, os suplementos se apresentam como uma forma de conquistar o leitor por meio da identificação com determinado tema. Sérgio Vilas Boas (1996, p.67) destaca outro ponto que incentiva a presença desse tipo de produto no meio impresso. “[...] todo jornal precisa de um bom caderno cultural. É onde se faz experiências mais ousadas, que revigoram o jornal”.

Não apenas no aspecto especializado ou com um projeto gráfico leve e atraente, o suplemento *O Japão também é aqui*, buscou destacar o fator serviço de forma a auxiliar o leitor, conforme afirma Erbolato (1981, p. 107), “Páginas podem ser dedicadas ao lazer ou ao fornecimento de orientações práticas aos leitores: discos e fitas recém-lançados (músicas clássicas e populares), restaurantes [...]”. No entanto, para o produto dos alunos, em vez de páginas completas, optou-se por usar box com datas, endereços e telefones para apresentar essas orientações.

Carvalho (2007) destaca fundamentos identificados por Marcos Cobra sobre variáveis a serem consideradas para a implementação de um suplemento em um jornal impresso. Nas palavras da autora:

Para um determinado suplemento, é preciso ter conhecimento do número de leitores interessados em adquirir o produto, se haverá matérias suficientes para fechar uma edição ou várias, que anunciantes estariam interessados nesse segmentos, qual o potencial econômico desses anunciantes em perspectiva [...]

Munidos dessa afirmação e de outras, os alunos perceberam que a proposta do produto em questão também seria interessante nesse aspecto econômico, visto que, com matérias pautadas em artes marciais e culinária de origem japonesa, restaurantes e academias de esportes da cidade que trabalham ligados a essa cultura poderiam se interessar em anunciar no suplemento. Carvalho (2007) afirma que, ao fazer uso de uma abordagem aprofundada e com uma estética agradável, o meio impresso, especificamente o jornal diário, garante sua relevância:

Em um mundo repleto de informação, o jornal diário parece ter encontrado a fórmula, por meio dos suplementos, para organizar todas elas e repassá-las ao leitor [...]. o jornal precisa se dirigir a públicos específicos, por meio de cadernos e suplementos que, ao segmentarem sua audiência, ampliam os públicos.

No suplemento elaborado pelos discentes, as histórias de vida dos entrevistados e sua personalidade foram destacadas em relação ao envolvimento dessas pessoas com a cultura japonesa na cidade, conforme observa Vilas Boas (1996, p. 68), nos suplementos e cadernos especiais, “há espaço para uma visão descritiva, para matérias de interesse humano, em que o perfil e a personalidade tenham realce”.

3.1.2 Entrevista

Como um dos principais meios de apuração de informação do jornalismo, a entrevista não é apenas como um mero questionário, conforme afirma Medina (2000, p.5), mas compreende um diálogo que interliga a fonte, o repórter e o receptor num processo de identificação. Segundo Medina (2000, p.6), “A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do

entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações”.

Como já mencionado, o caráter humano e as impressões e histórias de vida dos entrevistados foram explorados na construção das matérias de forma a apresentar um cenário na cidade de Bauru da cultura e comunidade japonesa. Na matéria *Uma geração e dois caminhos*, sobre mãe e filha que vieram do Japão, apesar das dificuldades durante a entrevista por conta do processo de tradução, os alunos buscaram compreender não apenas o fator histórico envolvido, mas também os sentimentos e pensamentos das pessoas entrevistadas enquanto compartilhavam suas memórias.

A história de vida de migrantes ou imigrantes sempre sugere comparações entre locais de origem e de estada. Na mesma medida, ao se comparar, promove-se juízos de valor que reclamam indicações sobre a identidade cultural ou nacional dos entrevistados. (MEIHY, p.48)

Ainda que na maioria das entrevistas os alunos tivessem um roteiro de perguntas, quando foram realizadas pessoalmente, outras perguntas foram adicionadas confirmando o caráter diálogo da entrevista e aproveitando-se de dados que as próprias fontes informavam no ato de suas respostas de forma a aprofundar algum ponto levantando e considerado relevante pelos alunos para acrescentar à construção da matéria. Porém, não só de perguntas é constituída uma entrevista, pois o jornalista deve estar atento a outros fatores, conforme destaca Coimbra (1993, p.120)

[...] os jornalistas, mesmo sem treinamento profissional para interpretar manifestações de caráter e de temperamento, podem observar de perto, num entrevista, as pessoas sobre quem escrevem, não surpreende que surjam em seus textos registros de elementos de comunicação não-verbal que passam a integrar o conjunto de pistas oferecidas ao leitor para suas próprias conclusões sobre o caráter e o temperamento daquelas pessoas, tornadas, então, personagens.

Durante o processo de pesquisa e localização das fontes para a matéria *A longa estrada da fé*, quando se tratava de assuntos “oficiais” como dados sobre a história da fixação de alguns templos religiosos e suas doutrinas, determinados grupos evitavam conversar, inclusive por telefone, com os discentes e os encaminhavam para sites sobre as doutrinas, sem dar atenção ao aspecto local que os alunos buscavam compreender. Em outras ocasiões, ao entrar em contato com veículos de comunicação de Bauru, a indicação era a sempre a mesma fonte, para assuntos diversos. Como destaca Noblat (2010, p.62) nem sempre a fonte oficial, de altas posições em algum grupo é a fonte indicada para um entrevista. “[...] a melhor fonte de informação não é a que sabe tudo, mas a que nos conta o que sabe”.

3.1.3 Reportagem

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p.6) definem a reportagem como um gênero privilegiado, pois é um tipo de narrativa em que se contam e narram os acontecimentos da atualidade. É um tipo de narração – “com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”.

Ou seja, de modo geral, a reportagem é um tipo de história, que compreende um encadeamento de fatos, organizados para cumprir seu dever final de informar o receptor da mensagem. Sodré e Ferrari apontam 4 principais características da reportagem que incluem: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Sobre a humanização, os autores afirmam que

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele ‘que está presente’, servindo de ponte [...] entre o leitor e o acontecimento.[...]

No suplemento proposto pelos alunos, além de contar com o relato dos “personagens-fontes”, a participação e impressões obtidas durante eventos e algumas entrevistas colaboraram para a redação das matérias, além do trabalho fotográfico feito em eventos para retratar de forma agradável e atraente para o leitor os acontecimentos e histórias. Assim, durante a coleta de informações nas festividades da matéria principal, por exemplo, os discentes estiveram atentos e procuraram trabalhar com as ideias de fotos e, na hora da redação das matérias, tanto os relatos quanto as opções de fotos eram variadas, de forma a contruir um cenário colorido e de vários pontos de vista.

Apesar de se tratar de um texto para suplemento, cuja linguagem costuma “namorar” estruturas literárias, os alunos tiveram o cuidado de não deixar os textos muito carregados, de forma a diminuir o ritmo de leitura por esse tipo de construção textual. Porém, nos títulos e aberturas de matérias, buscou-se “brincar” mais com o texto, fugindo do tradicional lead do jornal diário, conforme afirma Vilas Boas (1996, p. 74), que “A forma de abertura é talvez um dos principais diferenciadores do texto do jornal diário e da revista semanal.”.

3.2 O imigrante japonês no Brasil

Neste tópico do relatório, os alunos vão destacar aspectos históricos que fizeram parte da trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil e mais especificamente em Bauru. A maior parte desses dados foi levantada com a leitura dos trabalhos de Shozo Motoyama, autor de *Sob o signo do sol levante*, e Francisca Isabel Schurig Vieira, autora de *O japonês na frente de expansão paulista*.

A motivação

Isolado do mundo ocidental desde o século XVI, o Japão permaneceu sob o domínio do chefe de armas imperial chamado de xogun até 1853, um

período feudal dominado pela presença dos militares no poder – os samurais. Nesse ano, a esquadra americana, sob o comando do comodoro Perry, chegou ao Japão com uma carta do presidente norte-americano que requisitava a abertura dos portos japoneses, do contrário, a ameaça era de um bombardeio a capital Edo. Logo, os japoneses concordaram em estabelecer relações com os Estados Unidos e outras nações. O Imperador voltou a concentrar o poder e o feudalismo desintegrava-se.

Assim, em 1868, no Japão, inicia-se a era Meiji, que em menos de 50 modernizou o país e o transformou numa potência mundial, pulando do feudalismo e indo direto para o industrialismo. Em decorrência disso, atualizações e reformas contribuem para a decadência da agricultura japonesa, além desse fator, a indústria não conseguia absorver a enorme massa de desempregados. Dessa forma, a saída encontrada pelo governo nipônico foi a imigração (MOTOYAMA, 2011).

A princípio, os japoneses eram incentivados a emigrar principalmente para a província de Hokkaido, a ilha ao norte do arquipélago japonês, com a finalidade de se proteger da expansão soviética. Depois, a partir de 1880, o governo passou a estimular a migração internacional, para Havaí e Estados Unidos num primeiro momento. No entanto, com a proibição da entrada de imigrantes japoneses nesses países, o Brasil se tornou uma alternativa agradável.

É importante destacar que os habitantes da província de Okinawa, arquipélago anexado ao Japão em 1879, foram incentivados a emigração. Para se ter uma ideia, das 781 pessoas que aportaram em Santos trazidas pelo Kasato-Maru em 1908, 324 delas eram de Okinawa. Vieira (1973) aponta que o preconceito com os chamados okinawanos fez com que eles formassem grupos separados mesmo dentro dos navios da imigração. A pesquisa de campo feita pelos alunos comprovou que mesmo em terra, essa dicotomia prevaleceu de forma nítida – em Bauru, existe o clube nipo-brasileiro considerado mais “aberto” enquanto outros dois foram criados independente desse e prevalecem até hoje através dos esforços dos okinawanos e seus descendentes.

Em 1908, o fazendeiro bauruense Virgílio Rodrigues recebeu 15 famílias japonesas. Conforme cita Motoyama (2011), Virgílio estava muito satisfeito com os nipônicos. Para ele, quando as barreiras da língua e costumes fossem rompidas, os japoneses iriam ocupar posição de destaque na agricultura.

Após a Segunda Guerra Mundial, o fluxo de imigração japonesa para o Brasil reduziu-se muito, trazendo os imigrantes chamados de “Japão-Novo”, que eram tão discriminados quando os habitantes de Okinawa em vista das mudanças no espírito japonês promovidas pela guerra.

As famílias que imigravam para o país mantinham-se fechadas pois o grande objetivo era o enriquecimento rápido seguido pelo retorno ao Japão, conforme observa Handa (1987, p.528)

Para os imigrantes japoneses, ganhar dinheiro significava pegar na enxada e arar a terra. Trabalhar enquanto o corpo agüentasse. Trabalhavam e trabalhavam, deixando que os comerciantes ganhassem dinheiro a suas custas. No entanto, mesmo conscientes disso, jamais pensaram em se tornar um deles. [...]. Nas raras vezes que entravam para o comércio, lidavam basicamente com clientela japonesa.

O anos de trabalho e a integração

Vieira destaca que os japoneses encontraram inúmeras dificuldades na vida de colonos nas fazendas de café. O desconhecimento da língua, o excesso de trabalho e a desilusão quanto às expectativas apresentadas pelas propagandas aliciadoras de fácil enriquecimento e retorno rápido estão entre os principais (1973).

Conforme afirma Tomoo Handa (1987 apud Motoyama, 2011),

O imigrante é uma figura complexa, um ser sem lugar próprio no sentido social, cultural e econômico, deslocado no novo espaço que não lhe pertence em termos de práticas, valores, usos e costumes, modos de agir e pensar, tornando-se inoportuno, embaraçoso, incômodo, objeto de estereótipos, preconceitos e de atos de intolerância.

Dois meses após a chegada dos primeiros navios, a debandada dos japoneses havia sido grande: dos 772 colonos mandados para as fazendas no interior, restavam apenas 359. Em setembro de 1909, somente 191 continuavam nas fazendas.

Motoyama (2011) aponta as características dos imigrantes japoneses propostas por Thomas Smith-Staniford, em 1973.

- Ausência de fé numa natureza pródiga;
- Baixa tolerância à frustração;
- Percepção negativa da autoridade;
- Forte dose de autoconfiança (pois muitos eram pobres e vinham sozinhos, sem ter para onde voltar).

O interesse intelectual era muito difundido no Japão, assim, os imigrantes carregaram esses interesses para o Brasil. Combinado ao fator de que ascensão social aqui tende a acarretar mudanças nas categorizações étnicas e raciais, Motoyama (2011) afirma que “os nipo-brasileiros, de modo geral, alcançaram êxito econômico”. Ou seja, passaram de “amarelos” para “brancos”. No entanto, antes de chegarem a esse ponto, eles eram encarados apenas como força de trabalho, provisória e em trânsito, motivos de chacotas em seu país de origem. Dos egressos, 120 estavam atuando como operários na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Para os japoneses, a Primeira Guerra Mundial contribuiu para a continuidade do fluxo da imigração, mas o período áureo ocorreu na década de 30. Já a fase que compreende a Segunda Guerra Mundial foi muito complicada para os japoneses. Sofriam abusos das autoridades, lhes foi negado o direito a informação e precisavam de permissão para transitar pelas ruas. Os que não entendiam português acabaram se tornando alienados. (VIEIRA, 1973). Foi nessa época que se deu o surgimento de grupos extremistas como a Shindo-Renmei, que negava no sentido mais profundo a derrota e subordinação dos japoneses aos preceitos americanos e capitalistas. Os chamados “derrotistas”, reconheceram a vitória dos Aliados e acabaram por assumir a liderança das entidades e organizações culturais japonesas, servindo de ponte no

relacionamento com os brasileiros. Marília tinha 12 mil membros da Shindo-Renmei e Pompéia 10 mil. Bauru tinha em torno de 500 membros. (VIEIRA 1973). Os novos imigrantes, chamados de Japão-Novo, são tão discriminados quanto os habitantes de Okinawa.

Nessa época, um aspecto marcante na família imigrante japonesa é a sua estrutura patriarcal. O marido tinha autoridade absoluta sobre esposa. Até os 30 anos, os filhos precisavam do consentimento dos pais para se casarem, e os pais também detinham poder para anular a cerimônia ou o casamento. Em caso de morte ou afastamento do pai, o filho mais velho passa a cumprir o papel de chefe de família.

Na cidade, as relações eram diferentes, pois os imigrantes eram influenciados pelas escolas brasileiras e pela substituição de seus antigos critérios – em vez de idade e sexo, a eficiência e a habilidade passam a ser privilegiados. Esse aspecto pode ser percebido pelos alunos ao realizar a entrevista para a matéria *Uma geração e dois caminhos*, quando um dos entrevistados destacou o pensamento de sua juventude de que mulher que estuda fica solteira, ou que mulher deveria ficar em casa. Outro ponto que reforça essa concepção do papel da mulher é que, conforme uma das entrevistadas relatou, as mulheres japonesas que tinham condições iam para internatos, como o Tenrikyo, para estudar práticas ligadas ao lar. As aulas ministradas nesses locais envolviam corte e costura, culinária e pintura.

Em relação à religião, as associações tinham nítidas características recreativas e promoviam reuniões sociais, piqueniques, excursões e sessões de cinema e teatro. Esse fator também foi observado pelos alunos durante a produção do suplemento, visto que eventos como o Undokai também contam em sua organização com o apoio da igreja Tenrikyo, por exemplo. Além disso, muitos entrevistados revelaram que o aspecto espiritual da religião não é o principal elemento que os move a frequentar em determinados templos ou eventos, mas que sim o fator de socialização.

Vieira (1973) afirma que o individualismo era fortemente desencorajado e visto como atitude anti-social, pois, de acordo com a cultura, todo japonês era, antes de mais nada, membro de uma família e cabia a essa família tomar

as decisões a respeito dele e de seus outros membros. Durante a entrevista com Junji Nagasawa para a matéria *Além do concreto e do asfalto*, o entrevistado contou que o cônsul de Bauru, ao afastar-se de suas funções, deixou Nobuji como uma espécie de “padrinho”, encarregado de zelar pelo bem dos demais japoneses da comunidade da cidade – isso durante o período da Segunda Guerra Mundial.

Por fim, alguns isseis acabaram por se naturalizar brasileiros, sendo que as principais razões foram econômicas, de busca de maior identificação com o país e ampliação da representação política. Nesse ponto, Bauru teve representações da comunidade japonesa, por exemplo, através dos mandatos de Giro Ishicava, que chegou à cidade em 1945 e de Futaro Sato, que em outubro de 2013 recebeu um diploma de honra ao mérito assinado pelo ministro das Relações Exteriores do Japão. Sato foi vereador na cidade por quatro mandatos. A homenagem é feita a pessoas que ajudaram a melhorar o conceito do Japão perante o mundo e, no caso de Sato, por estreitarem os laços de amizade entre as duas nações.

4 O SUPLEMENTO

4.1 Escolha do veículo impresso e do produto

O ponto de partida na definição do veículo foi a afinidade dos alunos com o jornalismo impresso. A proposta inicial era produzir uma revista, mas por conta da limitação do grupo, de apenas duas pessoas, optou-se por um produto mais enxuto, porém com configurações semelhantes, assim foi escolhido o suplemento como produto. Consideradas como “irmãs” por alguns autores, a revista e o suplemento permitem a utilização de recursos diferenciados em relação ao jornal diário impresso, como fotos maiores e linguagem que permite uma narrativa dos fatos de forma mais livre e criativa, fora de padrões muito rígidos.

Em 2011, os discentes desenvolveram um suplemento cujo foco era a vida nos bairros. O produto final reuniu matérias sobre diferentes locais da cidade, abordando as peculiaridades de cada um. A partir dessa proposta, de destacar a vida nos bairros, que surgiu a ideia para a série em que o suplemento *O Japão também é aqui faz parte: o Bauru de Todos*, que se propõe a apresentar as diversas faces da cidade, não apenas seus bairros, por isso o tema da comunidade japonesa mostrou-se coerente em relação a esse projeto. Outro ponto a ser considerado foi que os suplementos são produtos em geral especializados, e mesmo como parte da série *Bauru de Todos*, a cada edição, esse pressuposto se manteria para destacar a variedade de “universos” em Bauru.

Quanto ao tema do suplemento, em 2012, os discentes realizaram um trabalho que retratou a trajetória de um imigrante belga, o que despertou o interesse dos alunos para um assunto similar e que destacasse histórias de vida e o lado mais humano de seus personagens. No já citado suplemento de 2011, uma matéria foi redigida sobre a Vila Independência e sua relação com o templo Tenrikyo, o que permitiu conhecer fontes de informação potenciais para o presente trabalho e também materiais que poderiam ser expandidos para desenvolver o suplemento.

4.2 Projeto editorial

Com o objetivo de apresentar o cenário atual na cidade da comunidade japonesa, o projeto editorial dos alunos visa a uma melhor compreensão dos variados assuntos que envolvem uma cultura, que não se restringe apenas a culinária ou festas típicas, mas que retrata o processo de adaptação e integração dessa cultura na cidade. Além disso, como parte da série *Bauru de Todos*, o suplemento *O Japão também é aqui* procura trazer histórias que despertem o interesse do leitor a se envolver no universo apresentado e não para apenas compreendê-lo mais, como um espectador, apenas. Por isso, várias matérias trazem boxes de serviço, indicando os caminhos que o leitor pode percorrer para estar mais perto desse cenário e assim interagir com a cidade, vendo-a como um espaço em que vários interesses, culturas e “universos” coexistem, interesses estes trazidos ao leitor pela série proposta.

De modo a cativar e deixar as informações e o próprio texto mais atraentes para o leitor, as fotos utilizadas foram cuidadosamente tiradas e escolhidas. As cores da matéria principal, por exemplo, em sua maioria “vivas”, têm a intenção de mostrar uma realidade de forma chamativa e atraente para o leitor. A variedade dos assuntos abordados dentro do tema, não apenas nesse suplemento, fazem parte da identidade e projeto editorial da série.

4.2.1 A linguagem

Como o tema em questão retrata a cultura japonesa, em várias matérias, tanto as fontes quanto os discentes, a fim de nomear alguns objetos, fizeram uso de palavras de origem nipônica. Houve o cuidado de se explicar a maioria desses termos e de destacá-los no texto, em *italic*, visto que não são familiares ao público. Ao redigir as matérias, portanto, os alunos procuraram contextualizar o leitor sobre essas palavras e produzir um texto claro, leve e direto.. Além disso, os discentes utilizaram a ferramenta on-line “Busca no Vocabulário” da Academia Brasileira de Letras para conferir a grafia correta de palavras como *caratê*, que já estão incorporadas à língua portuguesa, diferente

de *aikido*, que, apesar de ter uma pronúncia de palavra oxítona, optou-se por manter escrita conforme o site da Federação Paulista de Aikido.

As declarações dos entrevistados foram amplamente usadas tendo como propósito evidenciar suas personalidades e não apenas suas histórias, impressões ou informações. Assim, os alunos procuraram evitar construções e uso de palavras mais rebuscadas ou mesmo frases muito grandes e preservar também as falas dos entrevistados com menos edições possíveis. Já nas chamadas de capa, por exemplo, foram usados verbos no tempo subjuntivo que interagem diretamente com o leitor, proposta que faz parte da imersão que as matérias do suplemento têm por finalidade promover.

4.2.2 O público-alvo

A intenção dos discentes era criar um produto que não fosse restrito a apenas uma faixa etária, porém, em vista da proposta da série *Bauru de Todos* e do próprio suplemento, o público-alvo seria predominantemente jovem, a partir de 15 anos, morador da cidade ou de municípios vizinhos. Com essa definição, os alunos procuraram, através do produto proposto, renovar e atrair mais pessoas com essas idades ao jornal impresso, mas não descartando o público mais velho, por isso, a linguagem trabalhada não usou termos recorrentes falados por adolescentes ou jovens.

Como os jornais diários em geral trazem longos textos, o suplemento permite trabalhar melhor com o visual, dessa forma, a utilização de fotos e recursos como box e olhos deram ao produto mais dinamicidade e uma nova maneira de abordar o tema cultura.

A periodicidade escolhida para o suplemento é mensal. Visto que os jovens não estão tão familiarizados com jornais impressos, o suplemento, lançado, por exemplo, no início de cada mês e em formato de série, é uma opção que visa a fidelização e o compromisso do leitor em comprar a edição dominical do jornal impresso em que o produto viria como um encarte, um presente, o que poderia incentivar novos leitores, mais jovens, a adquirirem o produto com mais regularidade.

4.3 Projeto gráfico

A identidade visual do suplemento e sua diagramação foi elaborada e realizada pelos próprios discentes.

Como o suplemento *O Japão também é aqui* faz parte da proposta série *Bauru de Todos*, os alunos procuraram inicialmente criar uma identidade visual para a série a ser veiculada mensalmente.

Para tanto, foi escolhida a cor laranja, que está destacada na capa e se repete por todas as páginas, junto à paginação no cabeçalho. Em contrapartida, o rodapé, que traz o nome do produto sobre a tinta vermelha de uma pincelada, identifica-se apenas com a presente edição e seria substituído a cada novo tema abordado pela série *Bauru de Todos*.

Ao elaborar o projeto gráfico do suplemento *O Japão também é aqui* em específico, os discentes haviam pensado em uma diagramação leve em que as imagens seriam muito importantes para atraírem a atenção do leitor para o texto, ao mesmo tempo em que ilustrassem a realidade retratada na matéria e por si só acrescentassem informações para o leitor.

A escolha das fontes dos textos também foi feita com intuito de facilitar a leitura, portanto, optou-se por uma que fosse serifada. Mesmo vinculado à série *Bauru de Todos*, a ideia dos alunos era manter o suplemento com características próprias, de forma a enfatizar o tema de sua edição, no caso, sobre a cultura japonesa. Por conta disso, essa identidade visual se mostra na tipografia dos títulos das matérias, no uso das cores vermelho e branco em boxes, e nos grafismos, tudo seguindo um estilo que remete à cultura nipônica.

Durante a captação e posterior seleção das fotografias, foram priorizadas aquelas que exprimissem melhor as relações humanas inerentes aos temas abordados nas matérias. No caso específico da capa, os discentes optaram pela utilização de uma imagem com viés mais simbólico e/ou representativo. A fotografia de capa, tirada na ocasião do 62º Undokai, traz em destaque um mastro com vários *koinoboris* (bandeiras em formato de carpa), frequentemente vistos em festas japonesas. Ao fundo, deixando a imagem com

ainda mais significado está o sol, tão bem representado na bandeira nacional japonesa. Para o título do suplemento usado na capa, os alunos tinham a intenção de usar uma fonte com traços orientais e com traços espessos e marcantes, a que mais se aproximou dessa ideia foi uma cuja cor era transparente. Além disso, com a ideia de cativar o leitor pela curiosidade, optou-se por deixar as palavras “o” e “também” em tamanhos menores, reforçando a ideia da presença japonesa com uma leitura rápida de “Japão é aqui!”.

Sobre o formato do suplemento, ao começo do projeto, foi estabelecido pelos próprios discentes um produto de 12 páginas que, após o início da apuração, mostrou-se demasiadamente curto para a profundidade que se almejava do tema. Após essa constatação, foram mantidas as mesmas pautas, no entanto, a distribuição dessas matérias e a extensão dos textos foram reformuladas e houve o acréscimo de quatro páginas.

Outros aspectos gráficos dizem respeito aos boxes e olhos. Esses dois elementos não seguiram um padrão, ou seja, não foram utilizados em todas as matérias. Os boxes foram previamente definidos no momento da pauta, por isso, para produção da matéria que teria esse recurso, foi-se recomendada uma quantidade menor de texto. Seu conteúdo, em sua maioria, era destinado a serviços como telefone, datas ou endereços. Já o olho, em alguns casos foi previamente definido na pauta, porém, no momento da diagramação, nem todos foram utilizados por conta de espaço para o próprio texto ou em detrimento de alguma foto.

A matéria sobre artes marciais, *Eu, meu maior adversário*, pela questão de serem utilizadas cinco fotos, uma para cada estilo de luta, preferiu-se o formato de matéria “foto legenda”, ou seja, sem um texto maior introdutório. Por isso, optou-se por uma linha . Para associar corretamente a foto ao texto, usou-se um intertítulo diferenciado, com um grafismo que tem a intenção de “invadir” a foto com o nome da arte marcial.

Para o box da última página, sobre culinária, os discentes optaram por uma fonte do tipo manuscrita, que ressaltasse o caráter caseiro da receita

trazida, do mesmo modo em que o box, em forma de uma página de caderno, também reforçasse essa ideia.

Em vista do tamanho dos textos, da qualidade das fotos, a ideia dos alunos era fazer um suplemento em tamanho tabloide (33x28cm). No entanto, os custos para a impressão nesse formato mostraram-se inviáveis. Por conta disso, optou-se pelo formato a3. A diagramação levou cerca de 15 dias.

4.3.1 Especificações técnicas para o corpo do texto

Nesta parte do relatório, foram elencadas as especificações técnicas sobre os elementos utilizados na diagramação.

- Títulos

Fonte: Samurai

Tamanho: 48 (dobrado), para criar o efeito bold

Cor: preto (100%)

Espaçamento entre linhas: automático

- Linhas-finas

Fonte: Minion Pro (Medium Italic)

Tamanho: 24

Cor: preto (80%)

Espaçamento entre linhas: automático

- Corpo do texto

Fonte: Adobe Garamond Pro

Tamanho: 11

Cor: preto (100%)

Capitular: 3 linhas

Parágrafo: 2

Alinhamento: justificado alinhado à direita

Espaçamento entre linhas: automático

- Legendas

Fonte: Minion Pro (Bold)

Tamanho: 12

Cor: preto (100%)

Espaçamento entre linhas: automático

-Olhos

Fonte: Garamond Pro (Bold)

Tamanho: 22

Cor: Preto (80%)

Alinhamento: alinhado à esquerda

Espaçamento entre linhas: automático

4.4 O processo de produção

Os próximos itens do relatório visam a descrição dos procedimentos que foram seguidos desde o momento das definições de pauta até a obtenção do produto final. Como um dos discentes tinha mais domínio sobre a etapa de diagramação e precisaria de mais tempo para executar esta tarefa, sob o conselho do orientador, as pautas foram divididas entre os alunos de forma a não prejudicar essa parte da produção.

4.4.1 Levantamento e definição das pautas

Lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições - esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura, a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, à história de sua sociedade.(SANTOS, 1985, p.47)

Conforme afirma o autor, os alunos, antes de definirem as pautas, iniciaram pesquisas bibliográficas para entender a trajetória da comunidade nipônica no Brasil. Além disso, reuniam materiais de outros trabalhos já realizados, o que permitiu o direcionamento de outras pautas. Outro ponto observado pelos discentes foi sua própria experiência. Por exemplo: como estudantes e moradores na cidade de Bauru, frequentemente se deparavam com o ônibus circular no centro da cidade cujo destino indicava “Nobuji Nagasawa”. Visto que os discentes tinham como meta explorar a cultura e comunidade japonesa, desvendar quem foi essa pessoa que dá nome a um bairro da cidade mostrou-se uma pauta interessante, bem como ruas do bairro da Vila Independência com nomes japoneses, notados nesses trabalhos anteriores. A partir desse “gancho”, os alunos foram em busca de outros pontos da cidade que faziam menção à história dos imigrantes japoneses. Dessa forma, esta pauta foi elaborada como a primeira do suplemento, com uma matéria que mostrasse a presença japonesa no dia a dia do bauruense, em um modo “palpável”, não somente histórico.

De modo a introduzir o tema do suplemento, a página seguinte à capa (2), os alunos haviam planejado um mapa do estado de São Paulo que tinha como objetivo apresentar as principais cidades com população descendente de nipônicos, que seria acompanhado pelo editorial. Por meio das pesquisas bibliográficas, os discentes tomaram conhecimento de institutos e centros que se dedicam ao estudo da história e cultura japonesa. No entanto, nenhum deles possuía dados recentes sobre a distribuição dos descendentes de nipônicos. Os alunos entraram em contato diretamente com alguns pesquisadores da área que destacaram a dificuldade de se obter esse tipo de dado.

Assim sendo, os discentes resolveram se utilizar de outros métodos para elaborar o mapa -- entrar em contato com os clubes ou associações nipos das cidades observadas em suas pesquisas que foram colônias ou se tornaram reduto de imigrantes japoneses para obter um dado estimado. Esse método mostrou seus primeiros resultados, pois alguns centros nipos tinham esse dado estimado de prontidão, em número de famílias. Porém, em outras cidades, como Bastos, fundada por japoneses, mesmo contatando todos os centros

culturais, o museu dedicado à cultura nipônica e a prefeitura, não foi possível obter esse dado, nem mesmo aproximado. Assim, os alunos resolveram abrir mão do mapa e reservaram a página para um artigo de um pesquisador da cultura japonesa na cidade: a professora doutora Maria do Carmo Monteiro Kobayashi, que, sendo casada com um descendente de japoneses, acrescentou inclusive um toque pessoal em seu artigo, revelando a sua experiência na adaptação aos costumes de sua nova família.

As demais pautas foram pensadas e definidas observando-se aspectos pontuais da cultura japonesa em que não mais estivessem restritos aos moldes tradicionais e históricos, como esportes e a própria religião, bem como outros já muito conhecidos do não descendente de japonês de modo geral, como a literatura de mangá e os animes. No caso em específico da matéria de esportes, os discentes optaram por mostrar ao leitor locais em que o ensino da arte marcial era gratuito, com exceção do ensino de caratê, em que foi priorizada a localização, mais central, em que as aulas são ministradas.

A matéria principal, em vista dos eventos serem marcados pela maior participação dos descendentes e de pessoas sem ascendência nipônica, revelou-se como o principal elo entre as culturas, ainda dentro de alguns moldes tradicionais, pois as duas festividades, Undokai e Bon Odori, são comemoradas na cidade há mais de 50 anos.

De modo mais descontraído e sintetizando a integração cultural entre os descendentes de japoneses e os não descendentes, os alunos planejaram uma entrevista com um descendente e outro não. A princípio, não foi estipulado que fosse um casal, poderiam ser dois amigos, por exemplo, no entanto, essa ideia mostrou-se menos palpável em vista da dificuldade de encontrar esse tipo de fonte e também da possibilidade de que a entrevista não fluísse de modo espontâneo.

A matéria de culinária foi separada para última página, entre as demais, com o intuito de trazer uma informação prática, de fácil acesso ao leitor, ou seja, ele não teria o trabalho de abrir o suplemento caso quisesse encontrar os endereços de restaurantes japoneses na cidade ou se quisesse preparar a receita de *sukiyaki*.

A respeito da ordem das matérias, buscou-se introduzir o assunto com o artigo da pesquisadora; apontar ao leitor que em seu dia a dia ele pode ver a presença japonesa em sua cidade através dos bairros, praças ou ruas; contar a história de vida de um imigrante no Brasil e sua chegada em Bauru; retratar a vocação para o trabalho agrícola presente até hoje; apresentar as entidades culturais de Bauru (os clubes nipo-brasileiros) que se preocupam em reunir e preservar certas tradições japonesas; a integração das artes marciais na comunidade bauruense; os eventos tradicionais mas já muito adaptados ao gosto do ‘brasileiro’; uma matéria sobre um assunto mais leve, a cultura pop japonesa, antes da matéria sobre religiões, mais densa e, para finalizar, a entrevista e a matéria sobre culinária, ambas destacando bastante a história e o contato pessoal das fontes com a cultura japonesa e sua adaptação.

4.4.2 Busca e escolha das fontes

O critério de escolha das fontes foi específico para cada matéria. Na principal, os alunos estabeleceram uma certa aleatoriedade dentro de um padrão: por exemplo, entrevistariam um descendente jovem de japoneses, e abordaram alguém aleatoriamente. O mesmo foi feito quando os discentes determinaram que entrevistariam um japonês imigrante e pessoas que não tivessem ascendência nipônica. Esse procedimento foi feito durante eventos, como o Undokai, Bon Odori, Anime Union e na visita ao bairro Nobuji Nagasawa. Para a matéria sobre vocação agrícola, o conhecimento prévio dos arredores da Vila Independência forneceu a informação da existência da chácara de Mirian Hokana. A aleatoriedade também definiu a escolha do feirante Mario Yonamine e do comerciante Fabiano Sato.

Durante as festividades, os alunos também conversaram com algumas pessoas a título de tomar conhecimento de outras fontes. Foi dessa forma que obtiveram o contato do filho de Nobuji Nagasawa e o da *issei* Masae Nishio. Como relatado anteriormente, os discentes já possuíam o contato de algumas fontes, como encarregados de templos de algumas religiões de origem japonesa. No entanto, durante as pesquisas, uma religião de origem budista foi

notada pelos alunos. Mas, ao entrar em contato com o templo, ninguém quis se pronunciar sobre a história da religião na cidade ou sobre as doutrinas, apenas encaminharam para o site.

Outras maneiras de buscar e escolher as fontes foram através de conversas do dia a dia e a partir de indicações de conhecidos. Dessa forma, foram descobertos e escolhidos o casal da matéria de entrevista, os locais em que as artes marciais são ensinadas e a descendente de japoneses que forneceu a receita do *sukiyaki*.

Para a matéria de religiões, durante as pesquisas dos discentes, foi considerado importante explicar e contar sobre a existência do templo xintoísta em Avaí, ainda que o local extrapolasse o alcance pretendido dos alunos em questão de assuntos para as matérias, que enfoca a cidade de Bauru. Essa decisão mostrou-se correta visto que muitos bauruenses descendentes de japoneses frequentam o local quando acontecem eventos.

Um aspecto a ser destacado sobre algumas entrevistas é que mesmo conversando pessoalmente, algumas fontes preferiram que os alunos enviassem as perguntas por e-mail e outras nem quiseram falar ao telefone ou marcar a entrevista pessoalmente, também pediram para que fossem encaminhadas as perguntas por e-mail.

Algumas entrevistas não foram gravadas, pois em certas ocasiões, os discentes estavam apenas fazendo uma sondagem que depois acabou levando a uma entrevista. No entanto, foram feitas anotações de informações que foram usadas em algumas matérias.

Durante o evento Anime Union, os alunos entrevistaram pessoas menores de idade, mas optaram por não utilizar esse material no produto por uma questão ética, visto que entrevistados a partir de 18 anos também incluíam características desse público mais jovem.

A entrevista com a *issei* Masae Nishio, para a matéria *Uma geração e dois caminhos*, foi intermediada por uma tradutora de japonês, pois a entrevistada tinha mais facilidade em falar em seu idioma natal.

4.4.3 Redação das matérias

Como o tamanho do suplemento foi ampliado, algumas matérias ganharam mais espaço, que foi o caso da matéria principal; a matéria sobre os clubes e sobre a cultura pop japonesa (ambas estavam com meia página cada); e a matéria sobre religiões que estava com uma página.

De modo geral, os discentes estipularam três mil caracteres para as matérias de uma página. Mas essa diretriz não foi seguida tão à risca, de forma que alguns textos ficaram maiores e outros até menores. Como a diagramação seria por conta dos próprio alunos, optou-se por não cortar os textos para enquadrá-los nesse tamanho, assim, se preciso, os discentes fariam esse processo durante a diagramação com o intuito de conferir equilíbrio e harmonia entre textos, boxes e fotos. No entanto, os textos foram revisados, corrigidos e padronizados. O mesmo conceito foi seguido na confecção dos boxes.

O processo de redação das matérias levou um mês. Para dar suporte nessa produção e ao relatório, todas as entrevistas gravadas foram transcritas e as falas dos entrevistados foram editadas o mínimo possível, apenas com a finalidade de evitar repetições de palavras.

Como pode ser observado no produto, houve a preocupação em mesclar aspectos históricos da presença japonesa na cidade e mesmo no Brasil mas também com características atuais, de forma que o suplemento não se trata apenas das memórias dos imigrantes ou descendentes, mas as combina com as peculiaridades observadas hoje.

4.4.4 Captação e seleção das imagens

O processo de captação e escolha das fotos foi bastante trabalhoso, pois os discentes dedicaram tanto cuidado no momento em que tiravam as fotos, quanto em sua edição e seleção final para o produto, a fim de deixá-lo mais informativo e bastante rico.

A grande maioria das fotos é de autoria dos alunos. As exceções são as fotos cedidas por Massashiro Yanagiwara, membro do templo xintoísta e as de arquivo pessoal dos entrevistados, ou seja, nos dois casos, fotos mais antigas.

A quantidade de material visual coletado, em questão de fotos, é extensa. Além disso, os alunos haviam pensando em uma ilustração em estilo mangá para acompanhar a matéria sobre cultura pop japonesa, que foi até encomendada e adquirida, mas não foi utilizada por não se enquadrar na diagramação e os discentes acreditaram que ela não seria tão chamativa quanto uma foto. Nessa mesma matéria, a imagem que ilustrou o box sobre *cosplays*, do personagem Edward Elric, do anime Fullmetal Alchemist, foi retirada da internet, com os devidos créditos dados ao site, que era um dos poucos que trazia a imagem com uma boa qualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrar em contato com uma cultura tão vasta como a japonesa, que resiste ao passar dos anos e à distância de muitos quilômetros da terra que a originou, pode-se inferir que, apesar das aparências, os japoneses são um povo tão multifacetado como o nosso. Dos primeiros imigrantes, provenientes de famílias camponesas, e por isso mais retraídos e apegados a valores tradicionais, à chegada da cultura pop nipônica, que até hoje causa furor em várias crianças e jovens brasileiros, o espectro dos temas relacionados ao Japão cresceu muito, e pode-se dizer que é visto com cada vez menos estranheza. Um exemplo: se há alguns anos, a simples menção de um prato como o *sashimi*, gerava como resposta uma cara de nojo naqueles não habituados a tal culinária, hoje, os restaurantes orientais se proliferam rapidamente nas cidades de grande e médio porte, atingindo um público que vem se tornando mais e mais abrangente, como é o caso de Bauru, que nos últimos anos viu a chegada de mais dois restaurantes japoneses. Outro ponto, também abordado no produto, e em que cresce o interesse ocidental, é a religião. Durante a apuração notou-se um aumento significativo na presença de ocidentais em religiões originárias na Ásia, como o Budismo e a Seicho-No-Ie, assim como também cresceu a participação de orientais e descendentes em religiões mais populares no Brasil, como o Catolicismo e o Protestantismo.

Explorar um universo tão rico como a cultura japonesa não é um trabalho que se restringe a fatos históricos. O jornalismo, mais do que apenas reunir e relatar fatos e acontecimentos, é uma atividade que busca contribuir para a reflexão, o questionamento e mostrar o novo, o algo a mais. A atuação do jornalista deve priorizar a qualidade ao informar seu público, e foi com isso em mente, nós nos esforçamos ao máximo em todas as etapas da elaboração do suplemento.

E para nós, desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso em forma de produto em vez de uma monografia, nos levou a colocar em prática todo o

conhecimento que adquirimos ao longo dos quatro anos de curso, não apenas se utilizando de técnicas redacionais, manuseio de câmera ou fundamentações teóricas. Aprendemos o valor de se trabalhar e tratar com respeito e cuidado cada matéria e cada entrevistado, independente do tema, a nos esvaziar de nossos preconceitos e a combinar nosso conhecimento prévio com o que cada fonte tinha a declarar.

Todo o processo de construção de um produto leva em conta diversas etapas do fazer jornalístico e nós passamos por cada uma dessas etapas, desde a concepção do suplemento, criação de sua identidade visual, elaboração das pautas, dos roteiros para as entrevistas, as inúmeras ligações em busca de fontes, os e-mails não respondidos, a procura pelo melhor orçamento para impressão. Enfim, seguimos os passos essenciais de produção, o que nos permitiu amadurecer e entender a importância do trabalho em equipe, do conhecimento compartilhado, elementos que contribuíram para o resultado fosse um material completo, atraente e informativo.

A caminhada foi longa, com uma greve que nos quebrou o ritmo, o desgaste para conciliar trabalho, uma outra cidade, as aulas e tarefas da própria faculdade, foram desafios a serem vencidos fora as tentações de passarmos mais tempo com nossos amigos ou familiares em vez de nos sentarmos em frente ao computador para trabalhar no TCC.

Com esse projeto, esperamos contribuir de alguma maneira para a reflexão e conhecimento daqueles que cursam a faculdade de jornalismo e também que ele cumpra o seu papel de servir à sociedade e não apenas a um grupo em especial, mas a todos ávidos por novas descobertas e histórias interessantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 2005.

BOAS, Sergio Vilas. **O estilo magazine: o texto em revista**. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Carmen. Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado. In: INTERCOM, 2007, São Paulo
<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0136-1.pdf>

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

ELHAJJI, Mohammed. Comunicação, cultura e conflitos: uma abordagem conceitual. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus. 2005.p.189-206.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MEDINA, Cremilda. de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 3ª edição. São Paulo: Loyola, 2000.

MOTOYAMA, Shozo. **Sob o signo do sol levante: uma história da imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: Paulo's, 2011. v.1.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

OCADA, Fábio Kazuo. Uma reconstrução da memória da imigração japonesa no Brasil. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, v.1, n. 49, 2006 [ISSN2236-0107] Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/23/15>> . Data de acesso: 09 mar. 2013.

SAITO, Hiroshi. MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1973.

_____ et al (Org.). **A presença japonesa no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

SHIRAHATA, Sandra Misao. **Clube cultural Nipo-Brasileiro de Bauru: um enfoque da imigração japonesa.** 2001. 112f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Comunicação Social - Relações Públicas) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2001.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. **O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília.** São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1973.

Artigos jornalísticos

FERRARI, Rodrigo. **Região abriga o único templo xintoísta do Oeste do Estado.** Disponível em: http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=132709&ano=2008. Data de acesso: 13 out. 2013.

LIGABUE, Lúgia. **Praça Kasato Maru é inaugurada.** Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=162679&ano=2009>. Data de acesso: 09 mar. 2013.

TONELLI, Marcele. **Yatiyo Sakata, imigrante japonesa, completa cem anos.** Disponível em: <<http://www.jcnet.com.br/noticias.php?codigo=227914>>. Data de acesso: 09 mar. 2013.

VENTURINO, Davi. **A primeira festa japonesa.** Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=120977&ano=2008>. Data de acesso: 09 mar. 2013.

ANEXOS**ESPELHO DO SUPLEMENTO**

CAPA 3 chamadas	
Página 2 Artigo (Maria do Carmo Monteiro Kobayashi) e expediente	Página 3 A cidade e os japoneses (Felipe)
Página 4 História de imigração (Carol)	Página 5 Vocação agrícola (Felipe)
Página 6 Clubes Nipo em Bauru (Felipe)	Página 7 Artes marciais japonesas na cidade (Carol)

Página 8 Eventos – Undokai e Bon Odori (Carol)	Página 9 Eventos – Undokai e Bon Odori (Carol)
Página 10 Eventos – Undokai e Bon Odori (Carol)	Página 11 Otakus (cultura pop japonesa) (Carol)
Página 12 Religiões (Felipe)	Página 13 Religiões (Felipe)
Página 14 Entrevista (Felipe e Carol)	Página 15 Entrevista (Felipe e Carol)
Contra capa Culinária (Carol)	

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Bloco 1 – Matéria: “Além do concreto e do asfalto”

Entrevista 1 – pessoalmente

Junji Nagasawa, filho de Nobuji Nagasawa

“Quando meu pai (Nobuji Nagasawa) se formou na Escola Comercial de Toshigui, na província de Toshigui, com 18 anos ele veio para o Brasil. Ele veio com uma frase na cabeça que ele sempre repetia: ‘Sou único, só tenho uma vida, se não vivê-la intensamente não valerá a pena ter nascido’.

Ele nasceu em 26 de março de 1911. Chegou sozinho ao Brasil no dia 11 de dezembro de 1929, no Porto de Santos. De lá seguiu pra Casa dos Imigrantes, que ficava em São Paulo. Então partiu em um trem com destino à Araçatuba. Lá ele era esperado para trabalhar na Fazenda Perobal, que ficava a cerca de 24 km de Araçatuba, uma terra muito fértil. Na colônia Perobal ele veio a conhecer a família Kosaka, que mais tarde foram convidados por Junji para se mudarem para Bauru e com a qual família Nagasawa mantêm relacionamento até hoje. Após uma temporada na fazenda, meu pai foi trabalhar na Fazenda Fujinaga, em Lins, como tratador de porcos.

Numa noite de festa de São João, ele não pôde participar da festa e ficou apenas olhando de lado, pois não tinha sapatos para usar. Os seus estavam todos rasgados. Foi nessa noite que ele se lembrou da frase que o trouxe para o Brasil e decidiu abandonar a fazenda e tentar a vida na cidade de Lins. ‘Eu vim pra cá fazer o que? Sou tratador de porcos e não tenho sequer uma roupa pra me apresentar para a sociedade.’

Meu pai nunca pensou em desistir, em voltar atrás, mantinha o pensamento sempre à frente. Ele sempre quis se estabelecer no Brasil.

Minha mãe, Kimiji, também veio ao Brasil como imigrante, mas só conheceu meu pai em Lins. Na verdade foram apresentados, pois antigamente,

entre os japoneses eram comum o casamento acertado, era feita uma apresentação entre os pretendentes.

A primeira coisa que ele fez em Lins foi pegar uma cesta de verdura e saiu vendendo verdura nas ruas. Mas aí tinha um pormenor, ele não tinha coragem de gritar que tinha verdura na cesta, tinha vergonha. Mas novamente ele parou e se perguntou: “eu vim aqui pra quê?” Então criou coragem e começou a vender as verduras.

Nesse ínterim, ele foi vender verduras numa loja chamada Casa de Ferragens Três Machados. Como ele ia sempre lá o dono percebeu que ele era um moço esperto, ativo e o convidou para trabalhar de faxineiro em sua loja. Entretanto, depois de um mês de trabalho ele passou a trabalhar no almoxarifado. No almoxarifado ele ajudava a controlar os produtos que entravam na loja e rapidinho ele conseguiu saber todos os produtos que haviam na loja e onde ficavam, coisa que nem o contador, nem o gerente sabiam direito. Assim obteve uma ascensão muito grande dentro da loja, o que despertou o interesse dos outros empresários com relação aquele japonês que era encarregado do almoxarifado na Casa de Ferragens Três Machados.

Então foi convidado para trabalhar como gerente numa fábrica de implementos agrícolas. Na sequência uma empresa de Lins, a Fukudaia, precisava montar uma fábrica de alimentos, especificamente macarrão, aqui em Bauru. Meu pai aceitou a proposta e se tornou o gerente da empresa, mas os donos vieram junto com ele para a cidade e por conta da fraca administração a fábrica não foi pra frente.

Antes de se mudar pra Bauru, ele já havia alcançado certo destaque na sociedade de Lins, chegando a presidir o Nipo Clube de Lins, do qual foi responsável pela construção da sede social.

Chegando a Bauru, meu pai se integrou rapidamente a sociedade e sua personalidade comunicativa e a intensidade com que fazia todas as coisas facilitaram esse processo.

Os donos da fábrica de macarrão decidem fechá-la e voltar para o Japão. Assim eles entregaram os haveres pro meu pai e disseram: ‘Você fica com isso aqui tudo que a gente vai voltar pro Japão’. Em 1946 ele funda a

Indústria e Comércio Bauru Ltda – Pastificio Bauru, que viria a se tornar a Mezzani. Era aquele tipo de empresa em que no quadro de funcionários havia o dono, mais o dono e só, onde ele fabrica, carrega, vai entregar. Tinha apenas 6 funcionários. Esse foi o início da vida dele como empresário aqui do Bauru.

Posteriormente ele se tornou um elo entre a colônia japonesa e os brasileiros. Era uma pessoa muito influente, foi membro atuante do Lions Clube. Como se apaixonou pelo futebol foi trabalhar para o Esporte Clube Noroeste durante muitos e muitos anos, onde foi tesoureiro, conselheiro e chefe de delegação. Inclusive ele era chefe de delegação durante a primeira excursão internacional que o Noroeste fez na Bolívia.

Em Bauru existia o consulado japonês, inclusive havia um cônsul do Japão aqui na cidade de Bauru, chamado Ichihara. Até o início da Segunda Guerra Mundial o consulado se manteve em Bauru. Nesse período o Brasil rompeu relações com o Japão por conta da guerra e o cônsul Ichihara se retirou de Bauru, partindo pra Itália, visto que sua esposa era italiana. Antes de sua partida o cônsul chamou meu pai e disse a ele que cuidasse dos interesses dos japoneses que ficaram por aqui e desse alguma assistência. Mas isso se mostrou impossível, pois no período da guerra todas as garantias individuais foram perdidas: ninguém podia falar em japonês, ninguém podia receber correspondência do Japão. Mas o fato é que o cônsul foi embora e deixou meu pai como um representante seu aqui em Bauru.

Entretanto com essa incumbência meu pai despertou a suspeita do DOPS, que viam os japoneses como inimigos do país. Então ele sofreu uma perseguição grande da polícia, sendo inclusive detido e tendo passado cerca de 6 meses preso em São Paulo, juntamente com imigrantes italianos e alemães, que ficavam presos até que conseguissem provar que não se tratavam de “terroristas” ou “traidores da pátria”. “E meu pai não era nada disso, ele queria ser brasileiro. No entanto pensaram que ele estava conspirando contra a segurança do país”. Esse foi um período difícil para os descendente de japoneses, italianos e alemães. Muitos foram obrigados a sair de casa, com uma ordem de despejo a ser cumprida em 24 horas. Foi um período negro na história do Brasil.

Isso tudo criou uma confusão muito grande na história da colônia japonesa. Terminada a guerra o Japão se rendeu. Mas a comunicação naquela época não era tão eficiente e uma parte da colônia japonesa entendeu a derrota, mas uma outra parte da colônia entendeu que era mentira e achava que a notícia tinha sido forjada.

Foi onde surgiu um grande movimento de dissidência dentro da colônia japonesa e um japonês começou a matar o outro. Esse movimento era a Shindo Renmei.

Então veja só a situação em que se encontrava o meu pai: o governo brasileiro pensava que ele era um conspirador e uma parte dos japoneses dizia que por conta dele ser uma pessoa influente na cidade, ele estava a serviço do governo brasileiro e por isso dizia que o Japão perdeu a guerra. Houve muita perseguição e ele teve que se esconder.

Foi uma fase difícil, ele escapou dessa vivo, mas alguns de seus amigos foram mortos. Foi uma fase negra da colônia japonesa.

Ele foi presidente do Clube Nipo de Bauru durante muitos e muitos anos e também se naturalizou brasileiro.

Eu e minhas duas irmãs fomos criados dentro da educação japonesa que preza a hierarquia patriarcal, o respeito aos mais velhos e a gratidão. Hoje é muito diferente.

Isso tudo que eu aprendi eu tentei passar aos meus filhos é claro de uma forma bem ocidentalizada.

Eu fui criado falando japonês com meu pai e minha mãe. Estudei em escola japonesa e escola normal. Basicamente minha mãe cozinhava comida japonesa. E a gente levava esses valores como cultura.

Meus amigos japoneses eram poucos, mas nessa época já era bem mais integrado. O irmão do meu pai casou-se com uma brasileira e o irmão da minha mãe também. O que quer dizer que desde aquela época já ocorria a miscigenação.

Hoje em Bauru há algo em torno de 2100 ou 2200 famílias japonesas. Na época do meu pai nós conhecíamos todas as famílias japonês porque eram poucas, agora com mais de duas mil famílias fica difícil. Chega sempre muita

gente nova, vindos de outras cidades, então as coisas estão bem diferentes. Entretanto o Clube Nipo é um ponto de encontro, um elo que existe para que os descendentes de japoneses se unam. Há festas como o Bom-Odori e o Undokai, solenidades. O nipo é um ponto onde a maior parte dessas famílias converge.

Só que no meu tempo os japoneses e descendentes tinham cara de japonês, hoje os japoneses brasileiros deixaram de ter traços orientais e se ocidentalizaram por causa da miscigenação. Eu tenho netas que são loirinhas.

Quando meu pai faleceu em 18 de abril de 1995 a cidade sentiu muito a ausência dele dentro do contexto que ele representava na sociedade. Um movimento dentro da Câmara Municipal de Bauru queria fazer uma homenagem “digna para uma pessoa que foi ilustre e trabalhou muito pela cidade. Então o vereador Futaru Sato fez um movimento para que o núcleo habitacional que estava sendo construído perto Mary Dota recebesse o nome de Nobuji Nagasawa. Nilson Costa, o prefeito da época, concordou plenamente, não houveram discussões e logo em seguida o bairro foi inaugurado com o nome de Núcleo Habitacional Nobuji Nagasawa.

Meu pai trabalhou muito pela sociedade ele fundou a Seicho-no-iê em Bauru e foi ativo em vários âmbitos da sociedade: Lions Clube, Clube Nipo, Noroeste.

Ele seguiu a sua filosofia de viver intensamente. Ele também criou um Círculo Orquidófilo e também o Foto-Cineclube. Com 65 anos ele entrou na escola de pintura e começou a pintar quadros. Pintou intensamente durante cinco anos. Acabou entrando em transe e pintava noite e dia. Pintou uma quantidade enorme de quadros.

Meu pai escreveu uma autobiografia chamada “60 anos no Brasil”. Escrito totalmente em japonês o livro foi traduzido para o português pela família Nagasawa.”

Entrevista 2 – pessoalmente

Ana Paula Bagnol Lopes, bauruense, 42 anos, dona de um mercado localizado à av Alcides Limão Garcia, no Núcleo Habitacional Nobuji Nagasawa e moradora do bairro

“Eu mudei pra cá logo que saiu o núcleo, um ano depois a gente abriu o mercado. Antes ele funcionava do outro lado da rua, porque minha casa é ali e agora faz um ano e oito meses que mudamos pra cá. Era apenas uma quitanda. Faz 13 anos que tenho o mercado, começou quando o bairro ainda estava no início.

“Eu morava no Geisel. Aqui é um bairro de gente jovem, é um bairro muito mais jovem do que o Geisel, então o público é completamente diferente. Eu trabalhava no comércio e meu marido também, aí saímos do emprego e abrimos a quitanda. Abrimos em frente a casa da minha mãe no Geisel, um mês depois viemos pra cá.”

“E é assim eu adoro meu bairro, adoro meu público (clientela), gosto do que eu faço. Não gosto que ninguém fale mal do meu bairro, brigo até e o que a gente pode fazer pra ajudar a gente ajuda, né. Tanto que toda a dedicação nossa desses treze anos foi pro cliente mesmo, pro morador do bairro. Pra facilitar a vida dele, pra atender. Às vezes chove ou faz frio, mas eu falo: não, vamos deixar aberto porque o cliente vem e agente tem dó porque vai encontrar fechado.”

“A única coisa que eu acho que poderia melhorar um pouco é a limpeza do bairro. Os canteiros centrais é a gente que cuida porque a prefeitura pouco vem fazer manutenção. Eu brigo às vezes com moradores que vem jogar lixo ou paga pra alguém vir jogar. As pessoas que eles pagam vem e joga no canteiro e a gente acaba discutindo com eles, porque tem que cuidar, né, é obrigação do morador. Eu costumo dizer: o prefeito é um e nós somos 400 mil habitantes, se cada um não fizer sua parte, a gente não vai ter uma cidade limpa de jeito nenhum”

“No bairro moram alguns japoneses, mas não muitos”

Entrevista 3 - pessoalmente

Rosali de Fátima Baio Fabrício, 49 anos, moradora há 10 anos do Núcleo Habitacional Nobuji Nagasawa.

“Vim de Arealva, aí paguei aluguel nove meses no bairro São Geraldo, fica perto do Vista Alegre, do outro lado da pista. Aí comprei a casa aqui, a gente deu uma arrumadinha e mudamos pra cá.

Moro eu, meu marido e mais quatro filhos. Tudo adulto, o mais velho já tá formado, dando aula, tem mais duas na faculdade.

Eu gosto do bairro. Eu diria assim, que se eu tivesse um poder aquisitivo maior eu gostaria de tá morando, de repente, em outro lugar. Mas aqui não me incomoda, mesmo sendo um pouco longe da cidade o acesso é rápido. A gente comprou com as condições que a gente tinha, mas graças a Deus a gente mora bem. O mais importante são os vizinhos, a gente que vem de cidade pequena se sente melhor morando num bairro onde você tenha vizinhos com que você conviva mais. Porque de repente num bairro de outra classe, classe média, sei lá, você não tem tanto contato com os vizinhos, as casas todas fechadas. Aqui eu acho bacana porque os vizinhos te ajudam. Quando eu vim pra cá meu caçula tinha nove anos e eu trabalhava, parei agora no final do ano passado, e meu marido também trabalhando, então minha principal preocupação era o menino. Tinha um senhor aqui, que faleceu faz pouco tempo, que praticamente cuidou do meu menino. Então tem mais companheirismo, você entendeu? Tem mais um sentido de comunidade, o pessoal se cuida mais.

Problemas com infra-estrutura é geral, a gente num tem segurança, a gente num tem saúde, num tem educação. Nossos filhos saem do terceiro colegial empurrados.

Aqui a gente não tem mercados grandes, mas tem no Mary Dota que é muito próximo. Se precisar abastecer o carro, ir no mercado. Aqui a gente tem um mercadinho, padaria, bacana, mas é pra emergência. Farmácia só tem no

Mary Dota, mas acho que tá bacana aqui. Se vocês andarem em Bauru vão ver que tem bairros muito piores do que aqui, que tá bem estruturadinho.”

Entrevista 4 – por e-mail

Irineu Azevedo Bastos, historiador

“Ryosaku mori nasceu em Guma, Japão, chegando em Itararé (SP), com dois filhos, Toyoko e Katsuo, em 1932, para trabalhar na lavoura. Dali mudou para Iacanga, depois Bariri, em seguida Boracéia e em 1935, Bauru, residindo na Rua Floresta onde instalou uma academia de judô, pois era exímio lutador consagrado e era conhecido como Sensei. Vicentino atuante, foi o responsável pela construção do muro do Asilo São Vicente de Paula. Ele faleceu em Bauru em 1975, com 94 anos.

levantamentos de nomes de logradouros públicos eram feitos por mim, quando trabalhava na Câmara, geralmente baseado em processos existentes no legislativo ou na Prefeitura. Não consultei a família no caso acima.

Uma dica importante: Existe uma dissertação de mestrado de Erica Ayako Sacata (ou Sakata) Tongu, parece-me, moradora de Bauru descendente dos Sakata (lembra do supermercado?). O trabalho dela denomina "Resistência da seda. Um estudo preliminar sobre a nacionalização dos imigrantes japoneses e a educação no Brasil", feita na Faculdade de Educação da USP em 2002.”

Bloco 2 – Matéria: “Uma geração e dois caminhos”

Entrevista 1 – pessoalmente com tradução simultânea

Masae Nishio, 86 anos, issei

Mieko Matsui, 65 anos, issei

Paulo Sadanori Matsui, 71 anos, esposo de Mieko

“Sadanori - Ela tem muita história. Desde os 11 anos, ela saiu para trabalhar. No tempo da guerra, ela era chefe do correio. Todo o dinheiro ficava no correio e ela tinha que enfiar no buraco para não perder com as bombas

caindo na cabeça dela. Ela passou por tudo isso, cresceu em uma família muito pobre.

Masae - Vim para o Brasil em 1953. Um dia caiu uma bomba perto da minha casa, derrubando uma árvore. Abriu um buraco e vinha muita gente pra olhar. Eu fazia niguiri para o pessoal. Depois que acabou a Guerra eu casei e o meu marido falou: 'vamos para o Brasil. Em 10 anos a gente forma uma fortuna e volta para casa'. Quando deu esse tempo, percebi que não tinha dinheiro para a passagem. A minha cunhada estava esperando a gente voltar, nem casada ela era. Então foi quando decidi deixar a herança lá para os meus sogros.

Qual província que a senhora era?

Sadanori - Wakayama. Ela tinha o físico bom e chegou a ser até atleta e campeã de voleibol.

E o que a trouxe para o Brasil?

Sadanori - O marido dela vivia na Guerra. Resolveram vir para o Brasil para ganhar dinheiro e voltar. Ela deixou tudo lá. O marido só veio com o que seria uns R\$2000,00 no bolso. Mas não dava para nada. Ele era teimoso: "eu vou para o Brasil ganhar dinheiro e não para levar daqui" ele dizia. Sofreu como um danado aqui.

Mieko - Eu vim com 5 anos.

Como veio para Bauru?

Masae - Eu fui primeiro para o Mato Grosso do Sul, na colônia chamada de Matsubara, na cidade de Fátima do Sul e só tinha mato. Para Bauru, faz três anos. Os moradores que viviam perto da minha casa foram indo para a cidade e estava ficando sozinha, daí eu vim para cá, onde mora a minha filha.

Sadanori - Há uns 20 anos atrás o marido dela faleceu, mas ela continuou morando lá, sozinha.

Masae - É que quando eu cheguei na colônia, sortearam as terras, e eu ganhei um dos melhores lotes. Então, na época do centenário da imigração, eu até recebi uma condecoração pela dedicação ao trabalho, nessa época ainda plantava café, depois troquei e coloquei milho e soja.

O que mais lhe agrada na cidade e o que mais sente falta do Japão ou da cultura japonesa?

Masae - Aqui as pessoas são mais tranquilas. No Japão elas são muito exigentes.

Como foi a adaptação aqui no Brasil?

Masae - Toda noite, por duas horas, eu ao MOBREAL para aprender a escrever, ler e falar. O meu marido ia, mas não aprendeu muito. Era eu que explicava aos colegas de colônia o que eles tinham que fazer. A gente criava porco e plantava milho em casa. Eram cinco galpões. Era preciso carregar galões de água por 2 quilômetros para fazer comida. Tinha dias que todo mundo estava bem sujo e não tinha água para dar banho. Quando chovia, a gente levava todas as louças que podia para fora, para guardar água. O telhado era de folha de coco e por isso a gente tinha que usar guarda-chuva dentro de casa porque molhava tudo.

Quais foram as principais dificuldades que você e sua família enfrentaram?

Masae - Eu e meu esposo pegamos malária. A gente tinha que andar a pé uns 20km até a Fátima do Sul para pegar um ônibus para Dourado para depois ir a Campo Grande, para sermos tratado. A água era difícil. Dependia da chuva para aguar as plantas, lavar roupa... E da água do rio para sobreviver mesmo.

Quais diferenças a senhora percebe entre a geração de japoneses e descendentes que cresceu com a senhora e as gerações de hoje, que são seus netos e bisnetos?

Masae - A geração de hoje não teve que conviver com sacrifícios.

Qual tradição japonesa a senhora faz questão de manter até hoje?

Sadanori - Assim que surgiu esse canal, o NHK, há uns 10 anos, a gente fez a assinatura para ela. E desde então, essa era a diversão dela. Não separava um tempo nem para passear, era o dia inteiro vendo NHK.

Masae - Eu fico sabendo de tudo o que acontece lá.

Sadanori - Ela sabe do tsunami mais que japonês que mora lá, porque a programação é 24 horas por dia em japonês, com programas mais culturais.

Sadanori - Époça em que boa parte morava no sítio, perto um do outro, ainda dava para cumprimentar nas festas de ano de casa em casa. Mas hoje, fazemos tudo nos clubes mesmo.

Vocês frequentam os clubes?

Mieko - Nós vamos mais no Tenrikyo, uma vez por mês, no segundo domingo.

Masae - Tem almoço!

Sadanori - Eu apareço lá só na hora do almoço por causa do feijão gostoso.

E como foi a adaptação para você, Mieko?

Mieko - No começo do primário, para ler, para escrever não entendia nada. Para fazer o ginásio, até a oitava série, eu tive que morar em Dourados, 80 km de Fátima do Sul. Eu tinha treze anos. Morava na casa de uma mulher que tinha cinco filhos, eu ajudava ela a limpar a casa, passar roupa... Eu levantada cedo para varrer a casa, que era grande, inteirinha, deixar o café da manhã prontinho, antes de ir para escola. Depois quando voltava ainda tinha que fazer janta, já era nove, dez horas, era tarde e nem dava para estudar. Tinha que acordar de madrugada para estudar para as provas. Mas a luz, nessa hora, é fraquinha, não dá para enxergar. Então eu colocava uma vela do lado para poder estudar. Eu voltava para casa só no final do ano. Chegava a chorar de saudade. Minha mãe falava: “Ou você vai puxar enxada ou vai estudar”. Morei fora até os 17 anos. Quando eu terminei o ginásio, voltei para o sítio e dei aula para as crianças que estudavam até a quarta série, por um ano. Depois vim para Bauru, estudar no internato do Tenrikyo.

Sadanori - A japonesada naquela época falava: “não pode deixar mulher estudar, porque mulher é para cuidar de casa. E também se estudar não vai achar marido”.

E como você veio para Bauru, Mieko?

Mieko - Eu vim para cá por causa do Tenrikyo com 18 anos, era um internato que dava aula de corte e costura, cozinhar, aula de japonês, essas coisas, preparatório para se casar. E estou aqui desde que casei, há 44 anos.

Conheci o Sadanori por meio da irmã dele, que também estava no internato, foi num dia que fui na chácara deles.

Você lembra alguma coisa lá de quando ainda morava no Japão?

Mieko - É tudo meio embaçado, tipo um sonho, eu lembro que a gente buscava água em poço.

O que fez você permanecer em Bauru?

Mieko - Foi mais o casamento.

Bloco 3 – Matéria: “Ligados à terra”

Entrevista 1 – pessoalmente

Mirian Shinsato Hokana, 63 anos, agricultora e moradora da Vila Independência

“Eu já morei aqui, casei, fui pra fora e voltei de novo. Meu marido cresceu aqui (nessa casa). Era do meu sogro, aí ele faleceu e a gente continuou tocando, num deu pra parar.

Antigamente não tinha muitas casas aqui por perto, a cidade que chegou (até aqui).

O pessoal daqui é tudo sócio do Clube (ACOAS), meu sogro era sócio.

Já faz uns 50 anos que a gente lida com a terra. A gente foi herdando e foi fazendo, num tinha como parar e eu gosto de mexer com a natureza assim.”

Já faz mais de 50 anos que existe essa chácara. Aqui é muito tranquilo. O problema é que depois que virou vila começou a entrar molecada pra roubar, tem muito essas coisas aqui.

Tem couve que a gente planta e demora quatro a seis meses pra começar a colher. Aí começa a tirar as folhas debaixo, demora uns 5 meses mais ou menos pra poder colher. Só que vem o ladrão e entra e pega, o que acontece, já acabou a plantação, já não dá pra colher mais. Eles estragam tudo. Plantamos hortelã, cheiro-verde e manjeriço. O terreno mede um

alqueire. A rua Ryosaku Mori está dentro dos limites da propriedade e por isso ela não é asfaltada. Aqui por perto a nossa é a única chácara.

Eu vim pro Brasil com sete anos e fui morar no município de Lins.”

Entrevista 2 – pessoalmente

Mário Massanori Yonamine, 48 anos, feirante e produtor de hortaliças

“Nasci em São Paulo e vim pra Bauru em 1994. Meu pai veio ao Brasil, junto com os avós, de Okinawa, no Japão. Mora em Barra Grande, no Distrito de Tibiriçá. Em São Paulo eu era bancário.

Desde criança, quando morava em São Paulo, eu sempre gostava quando a gente ia pra chácara de um primo de segundo ou terceiro grau do meu pai, em Sorocaba. Nessa época eu ia também pra São Roque, Cotia, Várzea Grande. Tinha família só em Sorocaba, mas ia pros outros lugares porque jogava beisebol contra os times dessas cidades. Aí sempre tava no meio do mato, e sempre gostei.

Aí um dia eu resolvi pegar o carro e vir, aleatoriamente. Eu fui até Avaí, fui conversando com um, com outro e aí eu achei uma propriedade que gostei. Voltei pra casa, pensei mais um pouco, trouxe a família pra ver, todo mundo gostou e aí eu vim pra cá. Também queria sair de São Paulo para um lugar melhor para criar os filhos. Em 94, um deles tinha sete anos e o outro quatro.

Eu trabalho como feirante por necessidade. Para manter uma propriedade própria você tem que fazer alguma coisa.

Só dois anos depois de mudar pra Tibiriçá que comecei a cultivar hortaliças. Eu fiz muitos cursos, mais fora da cidade do que aqui em Bauru. A maioria era feira agropecuária, mas nessa feiras tem cursos. Eram cursos palestras, mas serviam mais pra você conversar com outras pessoas, produtores, né. Uma coisa é você aula teórica e outra é você aprender na prática. Não tem como ir à propriedade de cada um, porque todo mundo mora longe. Então pra tirar dúvida é na base da conversa.

Particpei de eventos em Bragança Paulista, Holambra (Hortitec) e tem também alguns que aqui em Bauru. A Prefeitura de Bauru também disponibiliza ônibus para os produtores irem a esses eventos. Só que tem que juntar muita gente, se não der a quantidade suficiente a Prefeitura não aprova.

O começo é difícil pra todo mundo. Depende da sorte também, e Bauru é que nem São Paulo, tem muita feira, muito supermercado e muito posto de gasolina, esses três ramos aqui é lotado. Se você correr os bairros de Bauru você vai perceber. São três ou quatro feiras por dia, só que são próximas, se ainda fosse longe.

Atrapalhar, atrapalha. É que nem montar um supermercado aqui e outro em frente. Quantos supermercados de nome você acha que tem na região? Tem dois Pão de Açúcar, um Tauste e um Confiança. Supermercado pequenininho tem um monte.

Hoje tem de tudo. Porque a gente conversa muito com a Prefeitura e eles tem contato com os fornecedores de produtos agrícolas. Antigamente eu trazia de São Paulo, sementes, essas coisas. A qualidade das sementes encontradas aqui era inferior. Hoje em dia, como a novidade se espalha, todo mundo tem. Eu ccompro produtos agrícolas nas casas agropecuárias de Bauru.

Os vendedores desse produtos começaram a perceber que Bauru tinha defasagem em produtos agrícolas e conseqüentemente existia grande viabilidade para abertura de uma empresa do ramo na região. Eu não peço nada pela internet. Até porque eu não confio na internet, mas tem muita gente que confia. Eu prefiro ir lá e olhar.”

Entrevista 3 – pessoalmente

Fabiano Sato, 35 anos, comerciante de uma loja de card games, sansei (terceira geração)

“(A loja) Funciona há oito anos. Começou lá perto do Camélias e depois do primeiro ano eu já mudei pra cá (centro). Sempre foi o mesmo esquema de sempre: card game e RPG.

Eu trabalho com o que eu gosto né. Jogo Magic, jogo outro card game que eu trabalho que é o World of Warcraft Card Game, então é um trabalho prazeroso, faço pelo prazer mesmo.

Eu morei um tempo no Japão, trabalhei lá e depois que eu voltei eu abri esse negócio. Eu voltei de lá em 2004.

Eu já fiz alguns eventos pra fora, de anime, que o pessoal associa com a cultura japonesa, mas eu sei que tem o Nipo, que realiza eventos de vez em quando. A meu ver (o posicionamento da comunidade japonesa) não é nada expressivo aqui em Bauru, não é muito popular, não que não existam pessoas que gostam, até tem bastante.

Depois que eu voltei do Japão, não é frequente, mas ocasionalmente eu vou ao Nipo. Eu gosto da comida.

Quando fui ao Japão não falava nada, só 'bom dia' e 'boa tarde'. Geralmente os brasileiros são bastante acomodados em relação a aprender o japonês, aprendem só algumas palavras que vão ser usadas no serviço e acabou. Eu já tentei fazer um pouco mais, tentei até aprender um pouco da escrita, mas é complicado pra quem trabalha. Eu falava, entendia muito bem, só que não era fluente, né. Conseguia entender bastante, só que não falava fluentemente. Hoje eu tô muito tempo sem treinar, já fazem oito anos, quer dizer que eu já tô meio enferrujado. Fiquei uns seis ou sete anos no Japão.

Minha avó começou morar em Bastos, só que eu não sei se ela trabalhava no campo ou não, mas como lá tem bastante coisa relacionada a ovos, ela deve ter trabalhado sim.”

Bloco 4 – Matéria: “Orgulho da cultura viva”

Entrevista 1 – pessoalmente

Tetuo Itikawa, presidente do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru

“Eu sou nissei, segunda geração. Meus pais eram japoneses. Sou Bauruense, tenho 75 anos de Bauru.

O Clube é dois anos mais velho que eu, tem 77 anos. Se eu não me engano foi fundado em 1936 (18 de outubro).

Na época, o pessoal, que eram todos da primeira geração, queriam ter uma escola para manter a tradição. O sonho de todos os japoneses que vieram para o Brasil era ganhar dinheiro aqui e ir embora para o Japão. Esse era o sonho de 100% dos imigrantes japoneses, mas não só dos imigrantes japoneses como também de alguns imigrantes italianos, espanhóis e outros povos europeus contam pra mim que o sonho deles era esse também. Mas nada é assim como a gente quer, né!

O objetivo do clube, ainda hoje, é manter a tradição. Não passa disso.

O clube conta com algo em torno de 350 sócios. Era pra ter muito mais, mas com a miscigenação da raça, eles acabam dispersando.

Tem gente que gosta da cultura e também se associa, mesmo sem ter nenhum grau de descendência japonesa. É pouco, mas tem. Quando tem eventos grandes do Nipo, o Undokai, o Bon-odori e a Festa Junina, que não tem nada a ver com a tradição japonesa, então aparecem muitos não descendentes que são brasileiros mesmo.

Os japoneses gostam muito de Karaokê, pega no microfone e vai. Então tem bastante concurso disso. Tem vários tipos de concurso, um só pra terceira idade que reuni sete cidades da região. Geralmente vem pessoas de Marília, Bastos, Lins, Araçatuba.

Os competidores cantam músicas muito antigas em japonês. Tem música romântica no meio também. É que nem a música caipira aqui do Brasil, sertaneja, conta muita história da família, do local, é desse jeito.

O Nipo é constituído pelo Presidente e pelos Departamentos, entre eles o de Música, Terceira Idade, Senhoras e Esporte, onde se pratica Tênis de Mesa e Kendo de tradição japonesa, tem também Futebol de Salão, onde também tem japoneses, mas a maior parte é formada pelo pessoal que conhece o Nipo e vem aqui participar. Pra frequentar tem que ser sócio. A taxa mensal é barata. Por exemplo, quem joga só futebol se torna sócio individual e não familiar, pagando uma taxa de vinte reais mais um custo que é rateado entre eles e a gente nem sabe direito como que eles fazem. Eles falam que é

barato, porque aqui no centro da cidade pra um esporte como o futebol de salão não tem outro lugar que aluga.

O Departamento de Ikebana acabou, infelizmente. No começo tinha vinte, trinta pessoas que vinham aí toda semana. Parece que não, mas fica caro pra pessoa praticar aquilo lá. Porque não é só cortar a flor, trazer e colocar no vaso, a Ikebana precisa muito de galhos. Então quem pratica a Ikebana tem que escolher os galhos cortar aqui, cortar ali e trazer um monte de galhos pra conseguir fazer um vaso. A gente tava tendo dificuldade de conseguir material. Haikai ainda continua só que diminui gente, né. Deve ter quatro ou cinco pessoas.

O único meio do Clube conseguir a renda pra se manter o funcionando é através da cobrança de mensalidades. Por isso é preciso se associar para participar de qualquer tipo de atividade. Todo mundo que frequenta aqui tem que ser sócio. Fora isso, dentro de cada departamento é cobrada uma taxa mínima anual para manutenção do departamento. Por exemplo, Terceira Idade custa 20 reais anual para participar o ano inteiro. A maior parte é nessa base, agora a escola é mais caro porque tem que ter a professora e fica entre 40 e 60 reais mensais.

Esse Clube, pra ser tocado desse jeito tem que ser quase tudo voluntário. Se for pra pagar toda a mão-de-obra não consegue tocar. Então funcionário mesmo a gente tem quatro: uma escrituraria, dois faxineiros e um guarda noturno, esses são funcionários o resto é tudo voluntário, e é gostoso viu. Aqui, o mandato geralmente é um ano mais um de reeleição, isso está no Estatuto. Antes do Estatuto teve gente que ficou sete, oito anos, mas isso já é coisa do passado. Todo clube é obrigado a ter um estatuto, e nele tem algumas leis que é preciso cumprir.

Eu por exemplo, não é o terceiro mandato, mas no ano 2000 eu peguei a presidência pela primeira vez e em 2001 teve a reeleição que é o que tem direito, aí entrou outro pessoal e no ano de 2006, pra falar bem claro ninguém quer ser presidente aqui, é difícil, num é que é difícil, mas se você não gostar um pouquinho você num fica aqui. Aí em 2006 como não tinha ninguém eu concordei em tocar por um ano até no próximo ano aparecer alguém. Agora

esse ano, como eu não faço nada mesmo, me perguntaram se eu queria ser presidente e eu aceitei. O Estatuto do Nipo já existe há cerca de 20 anos. A votação é através de chapas que concorrem, mas nunca acontece de ter concorrência é sempre chapa única. Aqui é pego no laço viu.

Hoje a colônia japonesa de Bauru é bem tradicional, mas tem cidades que tem menos japoneses. Aqui no interior do estado, tanto faz Sorocabana, Paulista, Noroeste (a gente fala isso por causa das estradas de ferro) tem bastante japoneses viu. Diminuiu, mas ainda tem bastante. Grande parte tá aqui na Noroeste, porque aqui a gente tem a Federação da Liga Noroeste de Clubes, começou com o de Bauru e hoje tem trinta clubes culturais iguais ao nosso, alguns maiores, outros menores, e a sede fica lá em Araçatuba.

O Nipo ajuda a manter a tradição nipônica viva e a divulga. Já não influi muito como antigamente. Antigamente tinha uma influência muito grande. Mas esse ano mesmo teve gente que foi homenageada, como o senhor Futaru Sato, que foi vereador na cidade por quatro ou cinco gestões aqui em Bauru e foi muito político e trabalhou em prol da cultura japonesa também, então ele foi reconhecido pelo governo japonês e recebeu uma emenda.

Sobre a colônia japonesa de Bauru. Hoje a maior parte é descendente, mas deve ter em torno de 2500 famílias. E dentro dessas famílias os japoneses de primeira geração estão no Japão agora.

Esses dois clubes fora o Nipo aqui, que estão na Vila, são formados por um pessoal em que quase todos são originários de uma localidade no Japão: a ilha de Okinawa. São os descendentes dessa ilha que formaram esses dois clubes.

Em 1945, e já vai quase 70 anos, houve muito atrito na época entre os japoneses mesmo. Após a guerra houve um atrito muito grande por causa daqueles que falavam que os japoneses tinha enquanto outro grupo falava que tinham ganho a guerra. Tudo isso por falta de comunicação, porque os japoneses daqui do Brasil eram considerados inimigos do Brasil, que entrou na guerra por pouco tempo mas foi pro lado dos americanos, então eram completamente contrários. Então eles (japoneses) ficaram limitados em tudo, naquele tempo quando os japoneses se encontrava na rua ninguém falava 'Oi!',

'Boa tarde!', era só em língua japonesa, e isso foi proibido. Não podia se reunir um grupo de mais de três japoneses que já eram presos. Ficou muito limitado. Além disso, teve os japoneses que não acreditavam na derrota na guerra e tudo isso por falta de comunicação.

A única coisa que tinha antigamente eram aqueles radinhos de mesa, portátil, que pegava o noticiário do Japão, que eles chamam de rádio de ondas curtas. Hoje tem FM é outra coisa, mas naquele tempo era esse rádio que pegava o outro lado do planeta, hoje acho que ninguém mais usa aqueles rádios. Aí o governo japonês tomou tudo o quanto era rádio de japonês, não podia mais ouvir notícia, então houve muito atrito.

O departamento de Taikô é completamente separado do de Música. O de música é só o karaokê.

Uns dez ou quase quinze anos atrás, a Colônia japonesa junto com a Escola Paulista de Medicina, de São Paulo, fizeram uma pesquisa sobre a diabetes na colônia japonesa, porque o índice de japoneses com diabetes era muito alto. Aí na época veio junto com a equipe um senhor lá de São Paulo, que disse que cresceu aqui e hoje, se tiver vivo, deve tá com uns 95 anos, e ele contou sobre o consulado, que ele lembrava, e lembrava também do jornalzinho.

Olha como eu não cresci muito religioso, meus pais não ligavam muito pra religião, então eu frequento a igreja budista, mas frequento por causa meu pai que ia lá, não presto atenção em nada, não sei nada do que se passa, eu vou porque tenho amigos lá.

O tempero do Sukiyaki é quase igual ao Yakisoba só que o modo de fazer é diferente, outra coisa o sukiyaki é uma comida muito difundida lá no Japão porque é uma comida quente, ela é degustada tirando direto da panela. Porque o Japão é um país que nem europeu, muita neve e nos dias de frio eles comem sukiyaki porque é uma comida que aquece. Karê também no inverno é bom. No verão dá um suor. O sukiyaki é composto somente de verduras, vai carne só no tempero, é muito pouco. Vai acelga, repolho, couve-flor, cenoura, brócolis (brócolis é muito bom), tem uma verdura japonesa chamada hourensou, que dá só no inverno, fora isso usa muito tofu e usa também um

produto de peixe que chama tikuwa ou kamaboko. Agora no tempero vai hondashi, shoyu, vai um saquê que é próprio, mirin saquê e açúcar. Sukiyaki, na verdade, você não come no prato, come na tigela. Aí o sukiyaki tá lá fervendo, então tem gente que, eu não gosto, que quebra o ovo na tigela e já pega o sukiyaki quentinho e coloca junto, o ovo cozinha praticamente com o sukiyaki que vem da panela. O sukiyaki acompanha arroz branco ou macarrão, dependendo da pessoa. O arroz ou macarrão ficam numa vasilha separada, tem um jeito de comer eu não sei direito explicar não, comer eu como.

Gente que chegou direto aqui em Bauru já não tem mais ninguém. Japonês costuma a escrever muito diário. Geralmente quem morava no sítio dependia muito do clima então, meio que rudimentar, eles colhiam o tanto de milímetros de água que chovia, mediam a temperatura.”

Entrevista 2 – pessoalmente

Célio Kiohaki Kanashiro, 54 anos, conselheiro geral da Associação Cultural, Esporte e Lazer Okinawa Água do Sobrado (Acoas).

"A sede local foi inaugurada em 1970, só que essa Associação já existia anteriormente. A antiga sede era numa casa de tábuas, aqui na Água do Sobrado mesmo. Antigamente funcionava mais como escola de língua japonesa, porque os filhos tinham que obrigatoriamente falar português e pra não perder os costumes começou com uma escola de língua japonesa.

Aproximadamente 80 famílias compõem a Acoas. Totalizando cerca de 350 associados. É um clube aberto, se você quiser pode entrar. É só pagar uma anuidade de sessenta reais. Tem sempre festividades e pratica-se o Kung Fu. Anteriormente tinha karaokê, mas o Departamento de Música foi desligado recentemente. Foram diminuindo as pessoas que participavam.

As festividades são festa Junina, Natal e Ano novo, são confraternizações. Existem sócios de todas as idades. Eu fui presidente do Acoas durante o período do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (nos anos de 2006-07-08). Depois de 2008 eu me tornei conselheiro geral. Esse ano (20013) o clube participou da Feira da Bondade com uma barraca de yakisoba.

O Departamento de Karaokê do clube Acoas participou de 2008 até 2013 com a barraca de yakisoba, doando toda a renda para a Apae de Bauru. Esse foi um dos grandes marcos para a comunidade do clube.

No começo era mais fechado. Hoje mudou, por exemplo, o pessoal que vem fazer kung fu vem de todas as classes, das mais as menos favorecidas, então se tornou um clube aberto mesmo. O que incentiva mais a participação são esporte e música. Divulgação do clube é feita no boca a boca. É mais através das amizades mesmo.

Na realidade Okinawa é a origem do pessoal que tá lá na nossa comunidade, somos descendentes de okinawanos. Para seu Célio não existe rixa entre o clubes. O Clube Nipo-brasileiro é o geral, aí tem a Associação Okinawa da Vila Independência (Acoas) e a Associação Okinawa da Bela Vista que ficam em regiões diferentes, mas a amizade existe entre todos nós. Na origem foram reunidas umas trinta pessoas que eram descendentes de okinawanos e através deles foi fundada a escola de língua japonesa. É como os clubes lusitanos, ficou o nome, mas não tem discriminação, nem nada. A gente tem amizade com todos. No clube da Bela Vista, eles tem atividades diferentes das nossas, como origami, esse tipo de coisa.

O terreno da sede do Acoas foi doado pela minha família. Lá existiam várias chácaras, que foram passadas pros herdeiros e depois loteadas. Os herdeiros acabaram fazendo casa e morando por lá, que é o meu caso. Nessa gleba (chácara) que minha avó (Kamado Kanashiro) tinha, ela separou uma parte pra fazer o clube, e foi o que aconteceu. Outras partes foram doados por herdeiros, por isso o clube funciona naquele loteamento.”

Entrevista 3 – pessoalmente

Kenjo Oshiro, 63 anos, presidente da Associação Okinawa de Bauru

“O Clube foi fundado em 1963 por mais ou menos umas quarenta pessoas, que com dinheiro próprio compraram o terreno, foram pra lá e fundaram. Na época pouca gente morava aqui na Bela Vista, mas até pelo preço, pelo barracão eles optaram por isso aí. Eles queriam ter um ponto de

encontro. As reuniões eram sempre feitas na casa de um e outro, mas ao fundar a associação, porque a matriz fica no bairro da Liberdade, em São Paulo (Associação Okinawa Kenjin do Brasil).

Hoje são associados ao clube 59 patriarcas (famílias). Tem uns que não pagam então dá uns 65 mais ou menos, 99% são japoneses ou descendentes. Eu tô querendo abrir pra brasileiros também pra aumentar a arrecadação. Para se associar, é só pedir lá e fazer a inscrição. Mas não tá fazendo também eu tô querendo abrir. Para os sócios são cobrados taxas trimestrais de 50 reais.

Entre as atividades, tem curso de shamisen, que é viola japonesa, uma vez por mês vem um professor de São Paulo pra dar o curso. Origami, traz um professor de São Paulo, é dobrar papel né. Eles vão geralmente de domingo. Evento tem muito pouco, todo terceiro domingo do mês tem uma janta que a gente faz.

A diretoria tá aprovando a entrada de brasileiros, porque a "família" okinawa é muito pequena em Bauru. Os outros japoneses já frequentam o Nipo e tem aquele pessoal que da família Kanashiro, que até eu fiz um convite pra eles pra se juntar, mas eles tem uma coisa familiar muito antiga, que eu não sei o que é, e não querem se juntar. Pra mim quanto mais gente melhor, não é? Aquele jantar do terceiro domingo era feito no almoço, então o pessoal vai passear na feira ae legou que não tinha tempo, sem problema, eu mudei pra janta, fiz o convite mas não houve interesse em vir então não vou ficar insistindo.

Eu tô querendo renovar, construindo uma parte lá no fundo, fazendo uma salão, tipo uma área de lazer com churrasqueira. Minha ideia é alugar pra aniversários, essas coisas, pra ter renda. Tô providenciando um CNPJ, o terreno não tem escritura. Minha ideia é juntar mais gente nova mas tá difícil, porque não tem atividade, é complicado. Aula de japonês não deu certo. Não teve interesse, os filhos foram todos embora pro Japão.

Há dezoito anos eu faço campeonato de truco, faz um ano e meio eu tô jogando toda segunda-feira e eu vim pro clube pra ter uma renda. A gente faz duzentos reais por mês. Uns dez jogadores de truco já viraram sócios do clube.

Não tem telefone, fica fechado, não fica ninguém, nós que fazemos a limpeza, tem tudo isso. Então tem que por jogos de pingue-pongue, sinuca, pra ver se atrai mais pessoas jovens, os filhos dos sócios, pra ter atividade, senão ninguém vai. Até no fim do ano, antigamente tinha apresentação de dança. Falta recursos financeiros, que dependem dos sócios.

Oficialmente o clube não poderia funcionar. Tem que ter vistória dos bombeiros, adaptar aos deficientes, rampa e não tem nada disso, a prefeitura não dá alvará. Como é que eu vou alugar um negócio que não tem nem alvará? É complicado. Há pouca interação com a população bauruense. Tem pouca porque não tem divulgação. Primeiro tem que estabilizar o clube, minha ideia é essa. Mas não tem jeito o dinheiro nosso em caixa é zero. Então é complicado. Vontade e força a gente tem, não pode desanimar, mas falta o financeiro. Minha mãe falava muito pouco em no dialeto de okinawa com a gente, que é diferente da língua japonesa. Só que o dialeto quem fala mais são os mais velhos, porque eu estive em Okinawa em 2011 e só os velhinhos falam o dialeto, os filhos já falam japonês. Pra não cair a língua de okinawa as crianças tão aprendendo na escola, pra continuar o dialeto e não se esquecer isso.

A gente precisa abrir o leque, mas pra isso precisa ter condições de receber o pessoal. Houve um tempo que teve muito mais gente no clube. Era um tempo que não tinha fiscalização nenhuma. Tem casais que se conheceram no clube, na décadas de 70 e 80 todo fim de semana tinha baile com conjunto e tudo. Naquele tempo também não tinha muita opção em Bauru.

Tem a foto dos presidentes velhos lá, eles querem por a minha foto, mas pelo amor de Deus não quero minha foto não!

Eu sou o segundo da minha família a ser presidente, meu pai foi antes de mim.”

Bloco 5 – Matéria: “Eu, meu maior adversário”

Entrevista 1 – pessoalmente

Fábio Evandro Nardo Baio, 29, empresário, faixa marrom em jiu-jítsu e responsável pelos treinos na Igreja Bola de Neve em Bauru

“Surgiu e eu entrei logo no começo, não tinha nem um ano. Faz uns cinco anos, acho que foi em 2009. Pratico o jiu-jítsu há seis anos.

É bem legal porque assim o projeto tem o intuito de reunir pessoas que vivem no mundo e levam qualquer tipo de vida, através do jiu-jítsu que é algo conhecido, aí tem a igreja e a gente que sempre dá um suporte, uma palavra. Agente prega no fim (do treino). E isso, o jiu-jítsu, me chamou a atenção pra vir na igreja, foi aí que eu me converti e tal.

Tinha o projeto e na época eu tava tentando me recuperar de uma lesão e eu pensei: preciso voltar pro jiu-jítsu. E também tava afim de aprender mais da palavra (de Deus). Aí eu peguei e vi um panfleto escrito “jiu-jítsu na igreja”, foi aí que eu vim. Só que eu não me sentia bem de vir só no jiu-jítsu sem vir na igreja, então vim uma vez na igreja, me converti e continuei treinando. Quem iniciou o projeto foi Vinícius Barbe.

Aí eu comecei a frequentar a igreja, virei obreiro, ajudava ele e quando ele saiu, no ano passado (2012) e eu assumi o projeto.

O jiu-jítsu tem federações, mas isso aí é de cada atleta, você só precisa se você for competir em algum campeonato dessa federação. Pra um campeonato da Federação Paulista você precisa ser federado paulista. Para os campeonatos regionais você não precisa ser federado pra participar.

Quem quer competir treina cinco seis horas, agora se você não quer treinar tão forte você fica na sua, faz uma horinha ou duas, entendeu? Você é que faz o seu treino. Ele é dado de uma maneira única, quem compete ou não, aí vai da pessoa.

O objetivo do jiu-jítsu aqui é só um: pregar a palavra. As pessoas chegam, eu faço uma oração pra iniciar o treino e no fim a gente faz uma oração agradecendo e eu sempre trago um versículo, pra compartilhar um pouco a palavra. Os horários são: terças das 20h às 22h e sábados, das 15h às 17h. Eu sou voluntário aqui.

O objetivo do jiu-jítsu é sempre finalizar o adversário, é a submissão. Você sempre deve colocar o adversário numa situação em que você deixa ele em submissão e em que você finalize ele. Se a luta não se decidir por finalização, que é o principal, há uma contagem de pontos. Pra pegar a faixa preta é preciso ser federado.

A submissão pode ser alcançada através da imobilização ou estrangulamento. A principal característica do jiu-jítsu é que ele é desenvolvido no chão, por exemplo, no judô caiu cabou, aqui não, caiu é aí que começa. A luta começa em pé, mas é no chão que rola o negócio.

Existem outros segmentos do jiu-jítsu que focam na utilização de armas ou defesa pessoal. Essa parte a gente não pratica e é muito difícil você encontrar quem pratica isso. Aqui a modalidade é o jiu-jítsu esportivo, voltado pra competição, é o que você vê em todos os campeonatos.

Na média, de quinze a vinte pessoas participam dos treinamentos. É muito rotativo, cada hora é uma galera, amanhã pode ser que seja uma turma totalmente diferente ou sejam os mesmos. Muitas pessoas já passaram por aqui nesses cinco anos que eu estou aqui.

Quem trouxe o jiu-jítsu pro Brasil foi o Hélio Gracie, a partir daí foi se desenvolvendo. Não tem como falar de jiu-jítsu e ignorar a família Gracie.

Já realizamos um campeonato interno com esse mesmo intuito de aproximar as igrejas e os espaços que dão treinos de jiu-jítsu, fazer essa comunhão e transmitir a palavra. Plantar isso aí no jiu-jítsu, que a gente usa de ferramenta para a evangelização.

Campeonato mundial de jiu-jítsu só dá brasileiro. O Brasil dominou o jiu-jítsu. Muitos lutadores do UFC, você pode ver que são brasileiros que vieram do jiu-jítsu. É igual ao futebol, que os ingleses inventaram, mas quem domina é o Brasil.”

Entrevista 2 – pessoalmente

Gabriel Amantini, 21 anos, estudante e praticante de jiu-jítsu da Igreja Bola de Neve

“Eu tô aqui desde 2009, entrei bem no começo. Quem me falou que tinha jiu aqui foi um amigo meu, que frequentava. Eu tinha falado pra ele que queria fazer algum esporte, porque eu tava muito sedentário, era época de cursinho, e ele falou que tinha jiu-jítsu aqui pra eu vir um dia ver como é que era. Eu já pratiquei um monte de esportes: futebol, natação, karatê, basquete, mas o que eu gostei mesmo foi o jiu-jítsu. Acho que foi por causa da amizade que a gente tem com os outros. Apesar de ser um esporte meio individual, pra você melhorar, tem muito companheirismo, acho que até muito mais do que no futebol, basquete ou alguma outra coisa, e é muito engraçado isso. Dentre todos os esportes que eu pratiquei, aqui foi o lugar onde eu fiz mais amigos. Já participei de duas competições e fiquei na segunda colocação em uma. Depois de uns dois anos treinando aqui eu queria treinar mais vezes por semana, por que aqui é só terça e sábado. Aí eu entrei na (academia) Atos e treino lá também.”

Entrevista 3 – pessoalmente

Robinson Alves Batista, 50 anos, 4º Dan em caratê e professor de caratê no Instituto Shitei Karatê-Do

“Sobre as faixas, começa com a branca, aí fica três anos com a branca, depois vêm a amarela, vermelha, laranja, verde, roxa, marrom e preta. Depois vêm os dans: primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto...” “Dentro do Shotokan, o grau máximo é o nono dan. Normalmente o décimo é pós-morte, se foi atingido o nono Dan. Outras escolas tem 11º, 12º dan e mais um monte.

Norberto Sgavioli é o outro professor da Academia. Na verdade foi ele que montou a academia, em 2003. Depois que eu aposentei, há uns quatro anos, comecei a dar aula (no Instituto). Antes disso eu sempre treinei. Eu dou aula de caratê há quase 20 anos. Já dei aula aqui na Unesp, no CPP (Centro Professorado Paulista).

Professor de artes marciais, ioga e dança, não há mais necessidade da formação em educação física.

Trinta alunos treinam na Academia. A mensalidade é de noventa reais. Os treinos são realizados de segunda a sábado. Segundas, quartas e sextas às 19h, terças e quintas às 18h30 e no sábado às 10h.

A faixa etária varia de dez a setenta anos. O mais novo tem dez anos e o mais velho é um senhor de 76 anos. Média de uns 35 anos.

Existem n motivações (para praticarem caratê). Quando a pessoa é jovem é lógico que a motivação maior é o esporte em si, participar de uma competição, se testar, faz parte de todo o processo de aprendizagem você se testar. Passando essa fase o que vai motivar ela a continuar treinando é o desejo de se aprofundar na arte, conhecer melhor a arte do caratê. O caratê não é apenas competição, ganhar medalha, ele extrapola essa área. Parece até um pouco esotérico, mas não é. Há também o autoconhecimento que diz até onde eu posso ir, o que eu sou capaz de fazer. Mesmo não competindo, ali dentro você tá se testando, suas limitações físicas e psicológicas pra enfrentar a situação.

Caratê numa definição mais grosseira é soco e chute. O caratê também tem queda, imobilização, só que visualmente o que mais se vê é soco e chute. Aí com o treinamento e o passar dos anos você vai descobrindo muitas coisas que envolvem imobilização, queda, essa parte. O caratê te possibilita não se aproximar tanto de um adversário ou agressor. Então o caratê te ensina a manter uma distância razoável pra você fazer uma defesa ou contra-ataque. Diferente de outras artes que costuma se aproximar demais e pode existir um risco.

Sendo bem treinado qualquer arte marcial pode ser aplicada como defesa pessoal.

Todo ano o professor Sérgio (Tosi) me convida pra dar uma palestra ou demonstração sobre caratê (aos alunos do curso de educação física na Unesp). Esse ano ele decidiu mudar um pouco o foco e apresentar algo um pouco mais palpável aos alunos e apresentar o caratê como defesa pessoal. Então eu falei, vamos radicalizar e fazer com roupa comum.

O caratê surgiu em Okinawa, um arquipélago próximo ao Japão, bem ao sul. A influência maior do caratê foi chinesa, isso no século XVI pro XVII.

Existia um comércio muito intenso entre a China e Okinawa, e claro que as pessoas que praticavam acabavam ensinando o pessoal. O caratê no Japão é recente, em termos históricos, oficialmente ele chega em 1922, isso não tem nem cem anos.

Dentro do caratê existe o *kata* que é uma forma, tipo uma coreografia, o que diferenciam um estilo do outro são essas formas. O *kata* é a alma do caratê. No caratê existem os três 'k'. o *kihon* que são os fundamentos, aprender a dar soco, chute, posicionamento; o *kata*, que é a forma. O *kata* foi formulado séculos atrás por grandes mestres e foram sendo aperfeiçoados, o último é o *kumite* que é a luta propriamente dita.

A própria academia inscreve os alunos na Federação Paulista de Karate Profissional.

Cheguei a aprender um pouco de kendo.

O nome correto da arte é *karate-do*, que significa 'caminho das mãos vazias'. Esse tem dois significados, o primeiro é que você luta sem nenhuma arma e o outro tem um sentido mais filosófico que é o vazio do egoísmo e sentimentos que prejudicam a pessoa.”

Entrevista 4 – pessoalmente

Akimi Adachi, 30 anos, dentista, sho-dan em judô e sensei do Projeto Judô para Cristo da Igreja Aliança Cristã e Missionária

“Surgiu como um grupinho pequeno que treina na garagem do Lucas em um tatame de três por três. A gente começou a brincar, treinar e tal, foi aí que cresceu a ideia de implantar na igreja. Mas eu ia numa vigília e Deus tinha falado que eu ia ter um ministério com crianças. Aí eu não sabia o que era, se seria dar aula de dança, mas eu não gosto de dança, se era dar aula, brincar, mas também não sou muito dessa área, mas aí como cresceu essa ideia do judô e eu já sou faixa preta isso foi confirmando. Porque tem que ter um representante mais graduado pra poder implantar o projeto, e como eu era graduada me colocaram pra representar. Aí a igreja apoiou a ideia, que era

através do esporte chamar as pessoas pra Cristo, usar o esporte pra evangelizar.

Em fevereiro (de 2014) faz dois anos que o projeto faz parte da igreja.

O significado da palavra judô é 'caminho suave'. É uma arte que usa a mente, equilíbrio e força para que o golpe seja perfeito.

O projeto é pra todos, só que começamos apenas com crianças, mas é expansível para jovens e adultos.

São 34 crianças inscritas no projeto e seis instrutores. A inscrição custa dez reais. Não é cobrada mensalidade. Pra treinar precisa de um quimono, mas como é um projeto a gente recebe doações e se a pessoa for carente pode usar um quimono do projeto.

Para o exame de faixa eu chamo dois senseis da academia que eu treinava. Eu até poderia avaliar, mas eu chamo eles.

O atleta precisa ser federado pra poder participar de campeonatos oficiais. Existe um custo anual que deve ser pago à federação.

Pra campeonatos oficiais precisa ter carteirinha da Federação Paulista de Judô. Agora os campeonatinhos que a gente faz inter-escola por aqui mesmo, aí já não precisa. Até agora a gente tem dois alunos federados, em 2014 a gente pretende federar mais. Eu e o (instrutor) Robson também somos federados”.

O que atrai as crianças para o judô?

“A atividade física, a própria troca de faixa e os campeonatos incentivam, dá um estímulo. A amizade entre eles cresceu muito, porque cria cumplicidade, parceria. O mais novo aluno tem 5 anos anos. O mais velho tem 15 anos. A média é de 10 anos.”

“Eu entrei no judô com seis anos e treinei até os 17. A faixa preta eu peguei com quinze anos.”

Entrevista 5 – por e-mail

Reinaldo Mori, 33 anos, 3º Dan em kendo, funcionário público e instrutor voluntário responsável pelo departamento de kendo do Clube Cultural Nipo Brasileiro

“O departamento de kendo de Bauru foi criado em 2004, ou seja, em 2014 fará dez anos de existência. A ideia surgiu da seguinte forma: sou praticante de kendo desde de 1987 (desde os meus 7 anos de idade). Sempre pratiquei em São Paulo, alcançando o terceiro dan de graduação. Ao mudar para Bauru, em 2000, tive a intenção de manter o treino, porém, em Bauru não havia praticantes dessa arte marcial, assim, voltava para São Paulo para treinar em alguns finais de semana. Em 2004 conheci um praticante de São Carlos que também estudava em Bauru, graduado, assim resolvemos treinar em Bauru. Foi realizada divulgação para os treinos no Clube Nipo Brasileiro.

O kendo é uma tradicional arte marcial japonesa, cuja origem está nas técnicas de manejo e luta com espadas utilizadas pelos Samurais, soldados do Japão feudal, nos campos de batalha. A principal diferença entre o kendo e as demais artes marciais, tais como esgrima, é a utilização do katana (espada japonesa).

A Confederação Brasileira de Kendo realiza o exame de graduação. A graduação que é reconhecida pela Confederação é 1º Kyu (o que corresponde a faixa preta, em grau menos elevado), 1º Dan, 2º Dan, 3º Dan e assim por diante, que correspondem também à graduação da faixa preta, porém, em graus mais elevados. Os exames são realizados através de avaliações teóricas e práticas. Para poder participar dos treinamentos do kendo no Nipo é necessário associar-se ao Nipo e filiar-se à Confederação Brasileira de Kendo.

Para praticantes iniciantes são realizados os treinos primeiramente sem os equipamentos, apenas com shinai (espada de bambú). Com o avanço no treino, experiência e autorização do sensei, o praticante poderá comprar o seu próprio equipamento, que é constituído de: shinai (espada), men (protetor de cabeça), kote (protetor de antebraço e mãos), do (protetor do tronco), tare (protetor de pernas) e quimono (vestuário).

Bauru compete há sete anos e obteve resultados expressivos no Campeonato Regional, Estadual e Nacional. Não realizamos competições em Bauru, até o momento.

O motivo pelo qual os atletas praticam o kendo é a busca do desenvolvimento do corpo, mente e espírito, além de disciplinar o caráter humano.

Em Bauru temos o total de dez praticantes, sendo o mais novo com 16 anos e o mais velho 45 anos, com idade média de 26 anos”

Entrevista 6 – por VoIP (Skype)

Paulo Henrique Leal, 27 anos, 3º Dan em aikido, professor universitário e colaborador do projeto de extensão Aikido na Unesp

“Em 2004, quando eu entrei na Unesp, o Lucas, que era meu veterano, já tinha iniciado junto ao professor Sérgio Tosi a parte escrita de um projeto de extensão relacionado a Aikido. Só que a princípio eu não sabia disso, então elaborei um projeto e enviei pro professor também. Aí depois conversando com o professor ele comentou que seria inviável colocar dois projetos de extensão de uma mesma arte, somente com estilos diferentes, porque o Lucas praticava o estilo da Federação Paulista de Aikido (Fepai) e o meu era da Yoshinkan.

Tem outros lugares que ensinam aikido em Bauru, só que esses lugares são academias onde é cobrada mensalidade e tudo mais. Agora de maneira gratuita tem no projeto de extensão da Unesp e até onde sei o Lucas (ou o sensei Márcio) desenvolvia um projeto social destinado a crianças. Foi então que decidi entrar no projeto do Lucas, porque ele já era veterano, então eu iniciei com ele. Nessa época era o Lucas que era responsável pelas aulas e estava lá mais pra auxiliá-lo.

Algumas coisas entre os dois estilos são parecidos, mas muitas são diferentes. Em relação à postura por exemplo. Então até 2005 eu fui mais aprendendo o estilo deles e ajudando o pessoal mais novo, porque querendo ou não, eu já tinha uns cinco anos de experiência dentro do aikido. Aí em 2005 ele (Lucas) se formou, e a partir de 2006 eu dei continuidade no projeto, mas mudei o estilo pra Yoshinkan, que é o estilo que pratico até hoje. Dos alunos antigos que frequentava só um continuou assistindo algumas aulas, mas na época a gente não tinha muitos alunos.

Essa transmissão foi fácil pois houve alunos que passaram de 2005 pra 2006. Aí em março de 2006, quando começou eu lembro que eu fiz a divulgação na Unesp, nos jornais, na rádio da Unesp, em cartazes no campus. E tomando por base os anos anteriores eu pensei que iriam aparecer umas dez pessoas, que era a média de alunos que a gente tinha até então. Aí no primeiro dia de aula foram mais de quarenta e foi o semestre inteiro assim com uma média de trinta a quarenta alunos, foi bem diferente do que eu tava acostumado. Foi assim que eu acabei dando continuidade no projeto e dos alunos que começaram em 2006, quatro se formaram faixa preta em 2009.

“O professor Sérgio, que é docente do Departamento de Educação Física é o responsável pelo projeto. Aí tem a possibilidade dos alunos de graduação entrarem em contato com ele pra virarem alunos bolsista. Esse ano, se não me engano, tá sem bolsa tanto de karate quanto de aikido. De 2006 a 2007 eu fui bolsista do projeto porque era aluno da instituição. A partir de 2008 quando eu me formei eu passei a ser apenas colaborador do projeto. A cada ano diferentes alunos de educação física vão pra lá para ter essa possibilidade de pleitear a bolsa. Quando o projeto recebe bolsa, a gente pega um desses alunos, que pelo projeto estar vinculado à Educação Física a gente direciona pra eles, até pra fazer a articulação entre os conhecimentos que a gente adquire nas aulas e a parte de publicação de pesquisas relacionadas ao aikido. Atualmente eu sou colaborador e os alunos de educação física que estão vinculados ao projeto auxiliam a ministrar as aulas, e também os faixas pretas praticantes do projeto também ajudam na regência das aulas. Atualmente eu tenho dado esse suporte mais a distância, então sempre que o pessoal tem dúvida eles entram em contato comigo e uma vez a cada quinze dias mais ou menos eu vou lá pro projeto pra tá auxiliando presencialmente também. No mínimo uma vez por mês eu procuro estar presente. Os treinos são às terças e quintas das 17h15 às 18h45 e aos sábados das 15h às 16h e das 16h às 17h30. O dia que eu vou lá a gente estende um pouquinho o treino pra eles aproveitarem o tempo que eu to lá junto.

Desde 2006, por ano passam em média cem alunos diferentes e desses cem, de quinze a vinte alunos frequentam regularmente. Só que nunca vão

todos na mesma aula, cada aula vão em torno de quinze a vinte alunos, mas inscritos atualmente devem ter uns cinquenta.

O aikido não tem competição, todas as outras artes marciais e estilos de luta têm competição, e dentro do aikido não tem. Foi uma arte marcial criada pelo sensei Morihei Ueshiba na época da segunda guerra e ele visava justamente combater a própria guerra e esse espírito competitivo, então no aikido o máximo que tem é demonstração, não existe competição. Apesar de existir um estilo no Rio de Janeiro, que é considerado contraditório por tentar desenvolver esse aspecto competitivo. É chamado de estilo Tomiki, por conta do sensei Kenji Tomiki que o desenvolveu, que inclusive não gosta que chamem o estilo pelo nome dele. A principal característica do aikido é a não existência da competição, além disso no aikido você tem que melhorar na arte junto com uma melhora pessoal. “A única competição é pessoal e não com o outro. No aikido existem catorze lemas que foram idealizados junto com a arte, alguns desses lemas são manter a disciplina, não se enervar, não se entristecer, ser compreensivo, ser pacífico, respeitar e fazer amizade com todos, ser justo e honesto, conscientizar que a prática do aikido tem por princípio o auto conhecimento. Então esses são alguns dos lemas que visam essa parte mais filosófica do aikido, assim como as outras artes também tem essa articulação entre os aspectos práticos e a filosofia.

Participa tanto o pessoal da graduação quanto o pessoal da comunidade, crianças, adolescentes e idosos. Atualmente não tem nenhum funcionário da Unesp participando, mas teve algumas épocas que havia. No ano passado (2012) a gente teve uma aluna com deficiência visual.

O aikido é uma arte marcial de origem japonesa. Seu nome tem origem nas palavras ai (harmonia, união), ki (energia) e do (caminho). “A grosso modo ficaria o *caminho da harmonia através da energia* ou simplesmente o *caminho da harmonia*. A origem foi por volta dos anos 30 e 40, e o sensei Ueshiba era praticante de outras artes marciais, inclusive de aspectos religiosos do shinto, por exemplo. Com todos esses conhecimentos que tinha, ele criou essa arte com o objetivo de tentar superar essa questão da violência. Um dos princípios do aikido é a não violência. Mas aí até por conta do contexto da guerra, muitas

coisas remetiam a ela. O dojo dele por exemplo era conhecido como *Dojo do Inferno*, porque ele prezava muito pela prática, pela firmeza, pela busca dos melhor de si. Na época em que era jovem ele era muito forte, baixinho mas com muita energia. Inclusive eu participei no ano passado de um seminário com um sensei que veio do Japão, que contou uma história real sobre o sensei Ueshiba.

Um grupo de militares foi conhecer o aikido do sensei Ueshiba, e no meio da conversa eles perguntaram se era possível desviar de balas e o sensei disse que sim. Para tirar a prova um dos militares apontou a arma pra ele que se posicionou a alguns metros do atirador, e após efetuado o disparo o sensei não só conseguiu fazer a esquivas como também se aproximou do militar. Todos ficaram meio sem entender o que havia acontecido e foi proposta uma repetição que resultou na mesma situação.

O sensei Ueshiba teve vários alunos e depois de um tempo cada um deles foi criando uma escola, um estilo de aikido, conforme a sua visão dos ensinamentos que receberam. Assim que surgiu o Yoshinkan, que foi criado pelo sensei Gozo Shioda, que praticava jiu-jítsu e também judô. Um dia ele foi levado pelo pai pra assistir um terino do sensei Ueshiba e vendo ele imobilizar e derrubar as pessoas ele pensou que era mentira, armação. Então ele foi chamado ao tatame pra ver se aquilo era mentira mesmo, ele aceitou e ao tentar atacar foi derrubado sem que percebesse. Na semana seguinte ele começou a praticar o aikido com Ueshiba. Mais tarde ele criou esse estilo que a gente pratica lá na Unesp, alguns consideram que ele é um aikido duro, no sentido de ser mais pausado, menos fluído do que os demais. Isso acontece por conta da forma de se ensinar esse estilo de aikido, que é feita por partes para só depois juntar tudo no moviemnto completo. Depois que você aprende isso ele se torna fluído. Para as turmas novas eu costumo dizer que o aikido começa pausadamente, passo a passo e depois ele se torna fluído, enquanto que na maior parte dos outros estilos ocorre o inverso.

Dentro do aikido existem três tipo de técnicas: 1) De imobilização (shime) ou imobilização por pressão (ossai); 2) Técnicas de projeção (nage -

queda); 3) Existem técnicas que misturam as duas anteriores, onde é feita a queda em conjunto com a imobilização (nage ossai).

Existem diferenças entre as técnicas de um estilo e outro, mas os princípios filosóficos são os mesmos. Cada um segue um caminho diferente mas sempre com o mesmo objetivo final. Todos vem da mesma raiz na arte criada pelo sensei Morihei Ueshiba.

De um modo geral as pessoas chegam ao aikido por conta dos filmes do Steven Seagal, muitos já conhecem aikido por conta dele. Hoje ele não é mais praticante de aikido. Só que as coisas que a gente vê nos filmes não tem muito a ver com que a gente pratica realmente. Alguns vem meio confusos pensando se tratar de karate ou judô, que são artes mais conhecidas no Brasil.

As pessoas vem por esses motivos mas o que as fazem ficar é o grupo ou o sensei, por exemplo no nosso grupo a gente tem muita preocupação com a iniciação, com quem tá começando, que está com dificuldade. Lá é assim, mas em alguns outros lugares que eu já conheci, há uma preocupação maior com as pessoas de grau mais elevado e acabam se esquecendo do pessoal que tá começando.

Lá também a gente trabalha numa perspectiva mais dialógica e igualitária. Não é só o sensei que sabe e os alunos que estão aprendendo, os dois estão aprendendo juntos. Tanto o pessoal mais velho quanto o mais novo, a gente dá ouvidos a todos, a gente parte do pressuposto que todos eles têm voz, a gente vai lá pra escutar todo mundo, ensinar e aprender todo mundo junto. A gente tem muito essa preocupação pras coisas que vão pra fora do tatame, então a gente faz festas, confraternizações, tem um grupo no facebook, combinar de sair, ir ao cinema ou se encontrar no Jardim Botânico. Mais do que apenas o treinamento do aikido a gente constrói laços de amizade. Essa é uma característica marcante do nosso projeto, uma preocupação na própria formação das pessoas, na personalidade, se preocupa com as pessoas. Dentro do próprio Yoshinkan cada sensei tem uma visão, alguns tem aquela visão mais tradicional onde o aluno não pode falar nada, não pode questionar. Lá no nosso grupo a gente nunca deixa de lado essa questão do respeito, só que a gente não mistura autoridade com autoritarismo. A gente

respeita o outro por quem ele é e não pela cor da faixa dele. Eu sempre falo pros alunos, que eu não quero dizer que as outras formas estão erradas, cada forma tem uma característica. Não é melhor ou pior é só diferente. O aikido pra gente é mais um meio do que um fim em si mesmo. A gente vai lá pra aprender técnicas de imobilização e projeção, movimentos básicos, mas não vamos lá só pra isso, a gente usa o aikido como uma forma de se conhecer melhor e sermos melhores com os outros.

Pra participar só é preciso estar lá no horário das aulas e pra fazer exame de faixa precisa ter um quimono, que a gente chama de dogi. Fora isso a gente pede pra ir com uma roupa de ginástica, de preferência com uma camiseta branca, já que a gente tem a preocupação de manter algumas raízes e a cor branca relacionada a paz. Se a pessoa não tem o dogi a gente conseguiu uma verba pelo Proex em 2012 e com isso compramos várias faixas e vários dogis. Mas a pessoa não é obrigada a fazer exame de faixa. Esses exames são organizados por mim e pelos demais faixas preto do projeto, mas quem assina os certificados é o nosso sensei de Mogi das Cruzes. Eu até poderia assinar o exame aqui, porque tenho o registro no Japão assim como ele, mas por uma questão de hierarquia e respeito é ele que faz. Isso até ajuda o pessoal a conhecer outros grupos, todo ano a gente faz uma viagem até Mogi e passa um final de semana lá praticando aikido no dojo deles. A mudança de faixa a gente faz geralmente lá ou então, a gente já fez quatro exames em Bauru, ali no tablado da Unesp mesmo.

No Brasil, em função dos diferentes estilos, cada um tem a sua própria federação ou confederação. No nosso estilo a gente tem o certificado de faixa preta, então quando você exame vem um certificado que vem do Japão e é assinado pelo seu próprio sensei. Outro certificado que a gente tem é o certificado de instrutor que permite que você realize exames de faixa. Esse certificado é dado em função do seu Dan. A nossa federação é direto no Japão, não tem nenhum intermediário aqui no Brasil. Por experiência, posso dizer que o Yoshikan é praticado por cerca de 5% dos praticantes de aikido no mundo. (90% dos atletas praticam estilos relacionados à aikikai). Recentemente foi

criada a Federação Latino-americana de Aikido Yoshinkan por um sensei do Japão.

Dos praticantes, o mais novo tem 9 anos e o mais velho tem 62 anos. A média gira em torno de 25 a 30 anos.”

Bloco 6 – Matéria: “Tradição e união”

Entrevista 1 – pessoalmente (Undokai 2013)

Guilherme Mitsuo, 22 anos

“O pessoal anda muito parado. O único evento que eu vou anualmente é o Undokai que tem essa agitação. Tem vários eventos no Nipo, mas o que eu mais vejo a participação dos descendentes é o Undokai. Minha família não é de Bauru, apenas eu e seus pais moram na cidade. O evento é bom pro pessoal que não é descendente conhecer a cultura também. Deve ser a quarta ou quinta vez que participo do Undokai.

Também tem Undokai outras cidades, mas nunca participei em outros. Antes (o Undokai) era no Recinto Melo de Moraes por que vinha mais gente, só que agora tá vindo pouca.

Participei da gincana da centopeia e de outra em que era pra anotar o nome de países. Sempre convido minha família e alguns amigos que são de fora e não conhecem o Undokai ainda.”

Entrevista 2 – pessoalmente (Undokai 2013)

Maria do Carmo Monteiro Kobayashi, membro da organização do Undokai

“A maior novidade foi o tempo, porque em 2011 choveu, em 2012 chove e hoje tá um tempo superbom, então quando o tempo tá bom vem muito mais gente. Já teve muito mais gente, tá diminuindo.

O que é o Undokai? O Undokai é a festa do aniversário do imperador no Japão. No Japão o Undokai é feito nas escolas (como algo mais competitivo).

Aqui no Brasil como não temos escolas japonesas, é feito mais com um sentido de coletividade, de participação e organização, que é o mote da vida do japonês mesmo. Então aqui no Brasil, por falta dessas escolas japonesas e como depois com Era Vargas e a Segunda Guerra Mundial o Japão passou a ser visto como inimigo do Brasil, o Undokai realizado nas colônias ficou um tempo sem acontecer e hoje ele acontece eminentemente nos clubes, que é onde você tem a confluência do povo japonês. No Brasil em função do tempo o Undokai acontece no final do mês de abril. Pelo menos no nosso clube, outros clubes podem realizar em outro período.

Três meses antes um grupo já começa a montar as provas. Hoje quem cuida dessa parte de organização é o meu marido. O evento é distribuído em dois períodos e tem prova pra todo mundo. Tem patrocinadores, cada ano faz-se a divulgação.

No Clube existem duas grandes festas que são abertas ao público: o Undokai e o Bon Odori, que é em agosto. Existe todo um ritual para a festa, um preparo.

O povo vem com um espírito de gincana. O que é legal é que tem prova pra pessoas de todas as idades, desde os bebezinhos, onde o avó leva o netinho pra ganhar doces até a prova do supermercado, onde as pessoas saem com sacolinhas pra pegar as coisas.

Tem a parte culinária, que não tem só comida japonesa. Se a gente conseguir fazer com que todo mundo participe é o que importa, e hoje nós temos muito mais brasileiros participando do que japoneses.

Tem um fluxo muito grande de gente entra, olha, come e sai. Eu acredito que umas 4 mil pessoas circularam por aqui durante o dia todo. Na organização trabalharam 100 pessoas.

No Bon Odori comemora-se os falecidos, aí perguntam é igual finados? Não, o espírito é outro, o jeito de se pensar é outro. Durante o mês de julho tem os ensaios das danças, cada uma delas é de uma região do Japão, então é típico. Tem uma roupa especial, é uma festa mais fina que o Undokai, porém tão importante quanto.”

Entrevista 3 – pessoalmente (Undokai 2013)**Kioko Mori, 76 anos, issei**

“Todo ano eu venho. Com 18 anos vim pro Brasil, morei um tempo em Lins, depois casei e vim pra Bauru. No Japão morava na região de Fukushima. A família toda participa do Undokai, algumas amigas também vêm e participam.

“É quase igual (no Undokai), antigamente eu corria junto, mas já foi a idade. Também tá aumentando o número de brasileiros, é legal reunir, né.”

Entrevista 4 – pessoalmente (Undokai 2013)**Fernando Marsola, 41 anos, cabeleireiro****Flávia Marsola, 39 anos, esteticista**

Fernando – “É uma reunião de pessoas que vêm pra compartilhar o evento com a família, os amigos, e fazem com que a gente se sinta livre (e acolhido).” “O almoço também foi bom.” “A gente ficou sabendo através de anúncios no rádio e em jornal. Minha esposa ficou sabendo pelo rádio e eu pelo jornal.” “Faz um bom tempo que a gente tá ensaiando pra vir, inclusive o ano passado ficamos atentos pra vir, mas choveu, esfriou, enfim esse ano deu certo Eles fazem um evento que funciona, que todo mundo participa, que é agradável, esse é o espírito deles.”

Flávia – “Eles acolhem muito bem, são educados.” “Levei um tomboço numa das gincanas, aqulea da sandália de madeira. É difícil sincronizar.” “A gincana da bola ao cesto nossos filhos participaram também.” “Dessa vez o dia está maravilhoso.”

Entrevista 5 – pessoalmente (Bon Odori 2013)**Hiroshi Tsumura, 71 anos, tesoureiro do Clube Nipo e um dos organizadores**

“Na verdade, o Bon Odori é uma festa tradicional budista. Eles, antigamente, pra agradecer os antepassados faziam danças dentro dos templo

budistas do Japão. No Brasil, como não há tantos templos budistas, então os clubes tomaram conta dessa festividade. O que é feito? Um canto, antigamente tocava-se tambor, flauta e as pessoas cantavam, hoje temos uma banda. As danças normalmente são tradicionais da lavoura, do ambiente rural japonês mesmo, danças eram representam o plantio, a colheita, a pesca. Todos os movimentos remetem ao Japão antigo. O objetivo principal é lembrar e agradecer aos antepassados.

Hoje é mais difícil, mas se fazia primeiro um culto budista e depois começavam as danças. Só que hoje tá bem desvinculado do Budismo. A data continua no mês de agosto. As cidades com essa tradição mais forte são aqui em Bauru, Pereira Barreto, Araçatuba e em São Paulo, onde eles fazem no meio da rua. Mas o fim é sempre uma homenagem aos antepassados.

Normalmente umas vinte pessoas participam da organização e a parte de comida é terceirizada, só o yakisoba que é feito pelo pessoal do taikô.

Logo após a festa junina já começamos a pensar no Bon Odori. A festa é realizada pelo Nipo há mais de 50 anos.”

Entrevista 6 – pessoalmente (Bon Odori 2013)

Márcia Gouveia, 44 anos, farmacêutica e acupunturista

“É a nossa primeira vez no evento. Nós estamos em Bauru faz só nove meses e onde a gente morava, em Guararape na região de Araçatuba, a gente frequentava (os eventos da comunidade japonesa). A gente gosta desse tipo de evento e o que mais chama a atenção é a união da comunidade nipo-brasileira. É bem legal, aqui eu achei até mais organizado que lá em Guararape.

Eu gosto muito da cultura oriental, eu faço acupuntura e por causa disso acabo pesquisando sobre a cultura oriental. Tá certo que a acupuntura veio da China, mas eu aprecio muito tudo que é japonês.”

Entrevista 7 – pessoalmente (Bon Odori 2013)**Amanda Mori, 23 anos, assistente administrativa**

“Desde pequenininha os meus avós sempre me trouxeram (ao Bon Odori), minha avó é do Japão realmente. E como eu tenho um pezinho, uma raiz no Japão eu gosto de participar da dança, eu acho que é uma cultura muito legal, as pessoas adquirem conhecimento aqui e eu gosto bastante. Participo do Undokai, que é a gincana que acontece perto do mês de abril. Meu vínculo é por causa da minha família, mas se eu não fosse japonesa eu com certeza iria gostar também.”

Entrevista 8 – pessoalmente (Bon Odori 2013)**Lourdes Tamura, 66 anos, sócia do Clube Nipo**

“Participa do Bon Odori desde que me afiliei ao Nipo. Cheguei em Bauru em 1959 com 12 anos. Gosto de participar de tudo, fazer serviço voluntário, dançar, cantar. Toda terça-feira (no karaokê) tem comes e bebes. A família gosta.”

Entrevista 9 – pessoalmente (Bon Odori 2013)**Lucas Martins, 24 anos, estudante**

“No caso, a gente (ele estava com mais amigos) vem aqui por causa da comida. A gente veio a primeira vez por causa de um amigo nosso que vinha e trouxe a gente. Essa é a terceira vez que viemos”

Entrevista 10 – pessoalmente (Bon Odori 2013)**Daniele Tacconi, 22 anos, estudante**

“Adoramos o evento (ela estava com o namorado), porque a gente sempre ouve falar, aí hoje surgiu a oportunidade e deu certo. É a primeira vez que viemos. Nem ensaiamos, mas entramos na dança. Gosto das comidas

orientais também, o yakisoba tava muito bom. Quando tem evento no Tenrikyo a gente vai também, mas a dança a gente nunca tinha visto e nem participado. Eu tenho amigas japonesas que vem, elas gostam bastante e me chamaram, assim que a gente descobriu.”

Bloco 7 – Matéria: “Faça elevar o *otaku* em seu coração”

Entrevista 1 – pessoalmente (Anime Union 2013)

Mariana Cristina Amaro, 16 anos, estudante, de Piratininga

“Eu comecei bem criancinha a assistir animes pela TV, TV Globinho e tal, ou SBT, que passava Naruto. Então pra me aprofundar mais passei a buscar na internet, aí fui assistindo vários animes e comecei a gostar. Hoje eu assisto uma lista enorme de animes, faço cosplay e também gosto das músicas, tipo K-pop. O que mais gosto é o anime.

Tem gente que leva o cosplay bem a sério, só que faço mais pra me divertir com meus amigos, não levo tão a sério. Eu fiz até hoje três cosplays: do Luffy, do One Piece, que eu tô agora, do Shanks, também do One Piece, e da Hinata, do Naruto.

Em Piratininga, onde eu moro, é muito difícil ter alguma coisa lá, mas aqui em Bauru tem bastante lojas com essas coisas pra comprar e vez ou outra tem evento, uma ou duas vezes por ano. Mesmo assim, acho que é pouco.

Eu já fui pro Anime Friends esse ano. Foi a primeira vez, porque antes minha mãe não deixava.

A maior parte dos meus amigos gosta de anime, não que chega a ser muito fã, mas que assistiu um ou dois, todo mundo já assistiu, nem que seja pela TV.”

Entrevista 2 – pessoalmente (Anime Union 2013) e por e-mail (para complementar informação)

Antonio Benevides Ferracini, 20 anos, balconista de farmácia, de Bauru

“Meu serviço não tem nada a ver com cosplay. O pessoal pergunta: você faz design? Não sou balconista. E como você cosplay? Ah, fazendo, é feito em casa, tenho o material.

Quando a gente é criança começa assistindo Teletubbies, essas coisas. Vai crescendo e pensa: nossa isso é muito babaca vamos passar pra um negócio melhor. Até que você chega num ponto que ‘ah, isso aqui já tá mais legal, já tá mais pro meu nível’ e vai assistindo. Já começa a procurar pra baixar. Se for comparar com um filme, as histórias são tão boas quanto, a diferença é que é uma animação. Hoje tem animes com tema policial, terror, num é mais aquele desenhinho onde todo mundo acaba feliz. É muito mais adulto do que os desenhos antigos.

Eu comecei pelo cosplay, toda criança quer ser o herói do desenho que assiste. Você pensa: nossa esse desenho foi muito legal vamos ver se eu consigo me vestir igual. Eu faço muito cosplay pra vender. Esse aqui é o único que eu fiz pra usar, só que eu já fiz Homem de Ferro, Cavaleiros do Zodíaco, e vendi pra colegas meus. Faz dois anos que eu comecei a fabricar as peças, ainda é um negócio pequeno.

Acho que a gente tem que divulgar pra conseguir espaço. Você vai em eventos em São Paulo ou Rio de Janeiro, você acha muita gente de cidades pequenas, então se juntar esse pessoal e fazer um evento aqui no interior dá uma repercussão, mas tem que expandir o negócio. Você vai num evento grande, você acha um monte de gente da região, Bauru, Marília, então tem potencial, só falta divulgar.”

“Então, desde pequeno sempre tive que fazer escolhas, sacrificar algo em prol de um bem maior, e isso fez com que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Eu sempre gostei de animes e histórias em quadrinhos e super heróis, certa vez um amigo me chamou para ir a um evento de anime, coisa que até então eu nunca tinha conhecimento, até porque era relativamente novo esse tipo de evento na época, após pesquisar um pouco sobre o assunto encontrei os cosplays, que são as pessoas que se vestem de acordo com seu personagem favoritos, nesse ritmo quis fazer um ao qual eu também gostasse, de acordo com que eu entrava cada vez mais no mundo de FMA, o anime também foi entrando em meu mundo, acabei deixando o cabelo crescer e ate

peguei algumas manias do personagem, e fui ficando cada vez mais parecido com o personagem.

Existem hoje lojas especializadas em venda de matérias para cosplay, entretanto não era o que eu procurava, pois fazem apenas o que está na moda, ou personagens mais famosos, eu até achei algo que seria útil para mim, mais estava fora de meus recursos, foi onde eu mesmo comecei a criar minhas coisas, confesso que as primeiras tentativas foram um tanto grosseiras (primeiro evento de anime), mas de acordo com pesquisas de matérias e compra de algumas ferramentas que melhoram muito o trabalho, fui me aperfeiçoando e a cada roupa diferente que eu faço melhora um pouco mais, hoje alguns colegas de eventos até me pedem para fazer, ou ajudar a confeccionar roupas, armas ou armaduras pra ele ir a eventos.

Concluindo eu amo esse mundo, é um modo de fugir da realidade e por um momento dar vida ao personagem que eu me identifico.”

Entrevista 3 – pessoalmente (Anime Union 2013) e por redes sociais (Facebook) (para complementar informação)

Cassio Del Matto, 23 anos, estudante, morador de Bauru desde os 10 anos

“Eu entrei no começo do GOA (Geek's & Otakus Alliance) e na verdade existiam três outros grupos e Bauru tinha uma tradição de briguinhas entre esses grupos, então quando um fazia evento o outro fazia pra competir e o GOA veio pra juntar esses grupos. Começou a dar muita briga, as pessoas pensaram em desfazer os grupos, mas aí a gente falou não, vamos juntar e acabou ficando um grupo só com gente de todos os grupos. Isso já faz uns quatro anos.

O objetivo do GOA é conseguir fazer todo mundo conviver junto. Não só para realização de eventos mas também para confraternizações, tipo ir na casa de alguém ou um encontro no Vitória Régia pra um piquenique, conseguir fazer algo que integrasse as pessoas, porque geralmente é só internet, internet, internet, a gente queria trazer pro real isso.

A cúpula de organização do GOA é formada por cinco membros. No evento, além dos organizadores, haviam 45 staffs coordenando as atividades. O grupo em si é bem maior que isso.

(O Anime Union) é o maior evento do ano, normalmente a gente faz em setembro, mas esse ano a gente teve problema pra conseguir lugar e acabou adiando e fizemos em novembro. Ano passado compareceram ao evento 4500 pessoas, esse ano ainda não deu tempo de tirar uma estimativa, mas só ontem já passou de mil.

Além do Anime Union o GOA organiza em parceria com a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Bauru o Comic Fest.

Quando eu era criança eu assistia muito anime, só que eu não sabia o que era. Aí quando eu comecei a crescer passei a conviver com aquele preconceito de que desenho é coisa de criança.”

“Atingimos 3mil pessoas aproximadamente, devido as dificuldades da realização e divulgação muito próxima do evento foi satisfatório.

Loja temos a Otaku Ponto e a The Joker.

Sou uma parte da organização, somos em 7 no total.”

Entrevista 4 – pessoalmente (Anime Union 2013)

Raul Vinícius Cecílio, 19 anos, cartorário, de Bauru

“Eu já assistia alguns desenhos japoneses, mas não tinha tanto contato com o mundo dos animes. O que eu curti era os mais clássicos: Pokémon, Dragon Ball, Cavaleiros (do Zodíaco), até que alguns amigos foram me emprestando animes e eu fui assistindo e gostando. E até hoje eu curto, não só os animes mas a cultura japonesa em geral.

Eu gosto do universo dos animes porque é uma coisa que é diferente daqui, pois os animes passam pra públicos de todas as idades. Muitos animes tem classificação indicativa, alguns são mais pra crianças, outros pra adultos. Isso eu acho muito interessante lá que não tem aqui. Aqui a gente tem novela da Globo, e lá eles não precisam escrachar só porque é um desenho os caras não vão gostar. Até porque é meio que um currículo, todo japonês sabe desenhar. Eu acho muito bacana a cultura deles, os desenhos, tudo. As influências que os filmes tiveram, os seriados de super-heróis japoneses, o Power Rangers é de origem japonesa e depois os americanos compraram os direitos pra fazer uma versão. Isso vem desde Ultraman, Jaspion, Jiraiya, entre outros. Lionman, Jiban, que virou o Robocop, entre outras coisas. O primeiro

filme do Godzilla que eu assisti foi o americano, mas eu gosto bem mais dos japoneses.

Como ex-organizador de evento, porque eu fazia parte da organização do Union, só que a última edição eu já não participei e essa também não. Bauru tem um espaço bacana e tem um público bacana, o que falta mesmo são recursos para as pessoas organizarem eventos aqui. Você consegue usar uma escola? Consegue. Consegue usar o Teatro Municipal? Consegue. Mas esses não são espaços pré-definidos para receber eventos, pode ser usado mas não é o ideal para um evento. Agora falando como público, (frequentador) acho bacana, muito interessante ter esse movimento na cidade, não só nos eventos lá fora como o Anime Friends, Anime Dreams e Ressaca. Resumindo a gente tem público só não tem espaço.”

Entrevista 5 – pessoalmente (Anime Union 2013)

Thalita Perez Barboza, 21 anos, estudante, de Bauru

“Venho bastante nesse tipo de evento. Entrei em contato pela primeira vez através do Anime Union mesmo. Eu participei da segunda edição e coordenava uma sala temática sobre Harry Potter. Foi assim que entrei mais em contato, eu já conhecia e assistia alguns animes, mas não era tão envolvida como sou agora.

Eu gosto bastante da cultura em geral, mas o que eu mais gosto é mangá. O mangá é mais detalhado e eu prefiro ler do que ficar assistindo. Dá pra ler em qualquer lugar, no ônibus.

Acho que espaço até tem, mas não tem muito público que conhece mesmo. Ainda tem bastante preconceito. O pessoal costuma chamar de nerd, então tem isso também, acham que só porque você curte anime e mangá você é nerd.”

Bloco 8 – Matéria: “A longa estrada da fé”

Entrevista 1 - por e-mail

Mitsuo Namba, pastor da Igreja Evangélica Holiness de Bauru

Desde quando a Holiness está presente em Bauru?

No início da década de 1950 uma família da Igreja Holiness de Guararapes mudou-se para Bauru, onde já havia uma família e pastores da época revesavam para dar assistência a algumas famílias. Mas, somente a partir de janeiro de 2004 a direção da denominação passou a nomear oficialmente um pastor para a cidade.

Como o senhor avalia a ligação da sua igreja com a comunidade nipônica da região?

As famílias aqui estabelecidas eram integradas na comunidade nipônica de Bauru. O nosso relacionamento com o Clube Nipo iniciou-se imediatamente à nossa chegada, principalmente através do grupo de Karaokê. Conseqüentemente, o relacionamento com japoneses da região deu-se mais no âmbito dos integrantes de karaokê da região.

Existem eventos (ou datas comemorativas) que são organizados anualmente pelo Holiness em Bauru?

Inicialmente promovemos campanha do Yakissoba, vendendo vale para as pessoas que colaboraram gentilmente. Tinha a finalidade de nos aproximar das pessoas e também, de angariar algum fundo para a fase inicial da igreja. Participamos das barracas de alimentação nas ocasiões do Bom-odori no clube nipo no início do mês de agosto, vendendo tempurá e gyouza como forma de integração e colaboração. Além dessas atividades promovemos almoço de homenagem no dias das mães, no dia dos pais e no natal, convidando as pessoas da comunidade.

Faça um pequeno resumo sobre a doutrina da religião.

A Igreja Evangélica Holiness tem a Bíblia como regra da fé e prática. Historicamente nasceu do ramo armínio-wesleyano, sob a influência de um pastor metodista do Japão. Somos filhos da reforma protestante, fundamentada

nos Cinco Solas Sola scriptura (“somente a Escritura”). Sola gratia (“somente a graça ou salvação somente pela graça”):

Sola fide (“somente a fé, ou salvação somente pela fé”).

Solus Christus (“somente Cristo”).

Soli Deo gloria (“glória somente a Deus”).

Entrevista 2 - por e-mail

Celso Nakamae, pastor da Igreja Aliança Cristã e Missionária de Bauru

Desde quando a igreja Aliança está presente em Bauru?

Oficialmente foi no ano de 2002.

Como o senhor avalia a ligação da sua igreja com a comunidade nipônica da região?

Mesmo não tendo pregações em japonês, algumas pessoas japonesas têm criado uma identidade devido sermos descendentes de japonês. Um pouco da cultura talvez. E também somos conhecidos pela culinária japonesa (yakisoba).

Existem eventos (ou datas comemorativas) que são organizados anualmente pela Aliança em Bauru?

Sim, Dia das mães, pais, Ressurreição de Cristo (Páscoa), Nascimento de Cristo (Natal), eventos com crianças, adolescentes, jovens, casais, conforme a necessidade e oportunidade.

Entrevista 3 – pessoalmente

Tadashi Ishikawa (responsável pela manutenção do templo) e Sérgio Mitsuo Ishikawa (colaborador da Associação dos Estudantes) da Igreja Tenrikyo

Como é a integração da comunidade de Bauru com a Igreja Tenrikyo?

Tadashi - São feitos cursos sobre a doutrina da Tenrikyo, que é feito em cinco dias, e um outro também, de 28 dias que abrange mais teorias e práticas da religião. Outra forma de interagir com a sociedade são através dos 'otasukes', que é uma forma de benzimento que busca a salvação das pessoas pela religião Tenrikyo.

Sérgio - Em alguns eventos, pessoas de outros lugares do Brasil vêm participar: a maioria é de São Paulo capital, mas pessoas do Paraná, Recife e Mato Grosso do Sul também participam. Mais perto daqui, Marília e Ribeirão Preto. Mas em relação à interação com a cidade de Bauru, primeira integração que acontece é um casando com outro que seja fora da descendência japonesa. Aqui em Bauru existe a sede do Brasil da Tenrikyo, mas a cidade tem a igreja local também, onde são realizadas algumas atividades como o judô, com as crianças, em que já acontece uma boa interação com a comunidade. São aulas gratuitas, mas quase não tem mais vagas por conta da quantidade de pessoas que participam e o espaço é um pouco restrito. Além disso, temos só um professor, então não tem como acomodar muita gente. Outra atividade é a escola de língua japonesa, que tem um custo pequeno para manter a escola, e os professores vêm do Japão, são membros da Associação de Jovens e Moços de lá, e que vêm especificamente para dar aulas, pois eles ficam dois anos aqui. Nessa escola, existem descendentes que têm interesse em aprender a língua japonesa, mas pessoas que gostam da cultura vêm também. Então, através dessas atividades, acaba havendo uma interação maior com a comunidade e o interesse de pessoas que não são descendentes. Tem também a banda infanto-juvenil que ensaia no salão e que ajuda na integração. No aspecto religioso, os próprios cultos são uma forma de interagir com a comunidade e aqui sempre fica um plantonista para quando as pessoas precisam de alguma oração virem solicitar.

Como funciona a Tenrikyo?

Sérgio - A estrutura da Tenrikyo funciona assim: existe a sede no Japão e dentro da sede existem as igrejas-mor, que começam como uma casa de divulgação, crescem, e se tornam igrejas. Depois, outras igrejas acabam se

tornando filiadas a essas e quando se atinge um certo número de igrejas filiadas a uma, esta se torna igreja-mor, uma 'igreja-mãe', ligada diretamente à sede. Algumas igrejas têm casas de divulgação, que começam quando existe uma família que vem se dedicando, divulgando e fazendo o trabalho de benzimento para salvação, que é uma oração. Assim, ele começa a reunir pessoas em sua casa. É semelhante ao que acontece com algumas igrejas evangélicas. A igreja sede aqui do Brasil é diretamente ligada à sede do Japão, e aqui, ela procura realizar diversos cursos, porque não dá, pela distância, para ir ao Japão. Então, são feitos aqui os encontros dos estudantes, das crianças, assembleias da associação de senhoras.

Existe uma diferença de atividades feitas aqui no Brasil e as do Japão?

Sérgio - Procuramos seguir o plano de atividades realizadas no Japão, mas aqui no Brasil é totalmente adaptado às nossas condições. Por exemplo, os cultos mensais no Japão seguem uma data, enquanto no Brasil uma outra data específica, geralmente domingo ou sábado, para facilitar o acesso das pessoas. Mas ainda existe uma parte das orações que é feita em japonês, seguindo um pouco das tradições.

E sobre a arquitetura da igreja?

Tadashi - Ela não é alinhada com o terreno e a entrada é voltada diretamente para o nascer do Sol.

Qual o significado do portal que existe na igreja?

Sérgio - Tudo que é praça japonesa as pessoas colocam esse portal. Mas na verdade, em qualquer local sacro, com um sentido sagrado ou espiritual, é utilizado esse portal. Não é uma coisa exclusiva da Tenrikyo. Se você for em um templo budista, por exemplo, você pode acabar encontrando um desses. É que aqui, no Brasil, que acabou se utilizando como símbolo de qualquer coisa oriental. Em Bauru, na época do Centenário da Imigração Japonesa, foi construída a praça Kasato Maru e o pessoal da comissão dizia "precisamos fazer esse portal!". E nesse tempo, a prefeitura não tinha o

recurso. Eu fiz parte da comissão das comemorações na época, e o pessoal que participava também falava assim que tinha que ter esse portal. Chegamos a explicar que ele tem esse sentido sagrado, mas eles diziam que no Brasil se convencionou para se utilizar em locais com presença japonesa. Tem uma fábrica aqui em Agudos que também tem esses portais.

E por que escolheram Bauru para fazer a sede missionária da Tenrikyo?

Sérgio - Essa região aqui em Bauru se desenvolveu muito em função do entroncamento ferroviário, e os imigrantes, quando chegavam ao estado de São Paulo, para se dirigirem a algumas colônias, nessa época eles vinham até Bauru, de onde partiam para a região Noroeste, região de Araçatuba, que até hoje tem uma concentração muito grande de comunidade nikkei em função disso: do deslocamento das colônias para a região Noroeste. Outra região com grande concentração é a Paulista, com cidades como Marília e Tupã, regiões que acompanharam a colonização. A Sorocabana também, região de Presidente Prudente, locais que foram fortes para a colonização japonesa. Mas Bauru era o grande entroncamento e, na década de 20, começaram a divulgar a religião Tenrikyo no Brasil. Foram para uma dessas colônias e trabalhavam na roça, mas a ideia era também divulgar a religião Tenrikyo. Muitas famílias tinham filhos pequenos, um jovem resolveu sair porque não tinha filhos, assim, ele escolheu Bauru porque era a cidade centro do interior de São Paulo. Já aqui, o bairro da Vila Independência foi escolhido por conta das chácaras que ficavam em volta do córrego Água do Sobrado, onde moravam famílias japonesas. Apesar de terem vindo para as colônias, mas queriam das educação para os filhos e começaram a vir para a cidade e formaram pequenas chácaras onde começaram a cultivar hortaliças, pois eram acostumados a trabalhar em terrenos pequenas. Passaram a vender nas feiras, começaram a vender pastel e até hoje muitos feirantes ainda são descendentes de japoneses. Por isso, outro bairro aqui perto chama-se Vila Nipônica. Então, o jovem que saiu da colônia escolheu esse lugar, onde conseguiria, pela língua japonesa, ter mais facilidade para atingir as pessoas

com a religião. Iniciou-se a instauração da Tenrikyo dessa forma, com a colônia japonesa, mais por conta de da facilidade de comunicação.

Vocês têm procurado hoje adaptar aspectos como a literatura de maneira a divulgar mais a religião?

Sérgio - Ainda tem uma série de coisas necessárias a se fazer, inclusive a literatura, apesar de termos bastante textos em língua portuguesa.

Quais outros países também tem uma sede missionária?

Sérgio: Taiwan, China e Estados Unidos , em Los Angeles e no Havaí.

Entrevista 4 – por e-mail

Telma Catini, representante da Regional de Bauru da Seicho-no-le.

Desde quando a Seicho-no-le está presente em Bauru?

Como a senhora avalia a ligação da Seicho com a comunidade nipônica da região?

Existem eventos (ou datas comemorativas) que são organizados anualmente pela Seicho em Bauru?

Faça um pequeno resumo sobre a doutrina da religião.

A Seicho-No-le está presente em Bauru desde os anos 60. Inclusive a 1ª visita do Sagrado Mestre M. Taniguchi ao Brasil foi em 1963. A princípio a Seicho-No-le era frequentada apenas por japoneses, devido à dificuldade da comunicação. A Seicho-No-le se iniciou no Brasil graças adois irmãos imigrantes Miyoshi e Daijiro Matsuda que divulgaram o ensinamento indo a cavalo às colônias japonesas da nossa região a partir de Duartina. Então a ligação e a presença da S.N.I. devemos aos japoneses. Resumindo o ensinamento numa afirmação que "O Homem é filho de Deus" e portanto na sua essência é perfeito. Valorizamos muito as nossas raízes: então realizamos Cerimônias de Agradecimento aos Antepassados temos a Festividade do Satuário Hoozo (em Ibiúna onde está uma das nossas Academias de Treinamento Espiritual). Temos outros tipos de atividades que poderiam

conhecer nos visitando. Agendem uma visita para que eu possa recebê-los com a atenção que merecem. Se houver dúvidas podem me procurar.

Entrevista 5 – por e-mail

Hiroshi Tsumura, um dos coordenadores da Pastoral Nipo Brasileira da Diocese de Bauru

Desde quando a Pastoral está presente em Bauru?

Como o senhor avalia a ligação da Pastoral com a comunidade nipônica da região?

Existem eventos (ou datas comemorativas) que são organizados anualmente pela Pastoral em Bauru?

Faça um pequeno resumo sobre a doutrina da religião.

“A pastoral Nipo Brasileira da Diocese de Bauru, (PANIB), na realidade é a continuação do ‘Circulo Católico Estrela Da Manhã’ que foi fundada em 1959, tendo como primeiro diretor espiritual, o Padre Pedro Paulo Koop, pároco da Igreja Santa Terezinha de Bauru, e depois Bispo Diocesano de Lins - SP. que é uma entidade que tem como objetivo orientar, fazer o apostolado ensinando e preparando os jovens e adultos de origem japonesa no Brasil para o batizado, crisma e matrimônio.

Hoje, além disso, a PANIB ajuda as entidades como a Creche Pingo De Gente, Seminário De Agudos, e algumas famílias descendentes japoneses que estão em dificuldades tanto financeira como social.

A ligação (com a comunidade japonesa) na região é feitas através dos encontros, congressos que são realizados nas cidades onde mantém as PANIB, a cidade mais perto é Garça, logo depois Marília, cidades como Tupã, Bastos, Araçatuba, Lins, Presidente Prudente, Álvares Machado e muitas cidades onde existem entidades japonesas, há pelo menos um grupo de descendentes japoneses católicos, que se reúnem em nome Deus.

No mês de março de cada ano há um encontro na cidade de Álvares Machado, para visitaçao do túmulo do Monsenhor Domingos Nakamura,

primeiro padre japonês que veio ao Brasil a convite do Diocese de Botucatu para trabalhar como missionário, aliás foi um grande missionário, já que naquela época, 1932, ele viajava a todos os cantos do centro oeste do Estado de São Paulo, Norte do Paraná, montado em um cavalo, andando, ou quando dava de Jardineira, batizando várias pessoas da colônia japonesa. Hoje está em andamento, um processo de beatificação do Padre Nakamura.

No mês de junho, é realizado na cidade de Bauru, a Missa De Ação De Graças Pela Imigração Japonesa No Brasil. As missas são realizadas cada ano em uma paróquia da cidade.

No mês de agosto, a cada 2 anos (anos pares) há um grande encontro dos descendentes japonês católico na Basílica De Aparecida, onde a missa é celebrada geralmente por um bispo japonês, convidado pela PANIB Central.

A PANIB, segue orientação do Bispado de Bauru, ajudando no que for solicitado, nas Novenas, cursos, nas entidades, etc.

Diretor Espiritual é o Frei Thiago Hayakawa, com residência no Seminário de Agudos.”

Entrevista 6 – pessoalmente

Alberto Curizzi, eletricitista e responsável pela Comunidade Estoril da Soka Gakkai Internacional de Bauru.

“O Budismo nasceu na Índia no século VI a.C, com Siddhartha Gautama. Depois ele se propagou para a China, de lá para o Japão e do Japão para o mundo. Então quem estabeleceu as bases para o ensino correto foi o Buda Nichiren Daishonin, que viveu no Japão do século XII. Após a Segunda Guerra Mundial foi criada uma associação chamada Soka Gakkai Internacional (SGI), que significa ‘associação para criação de valores humanos’ embasada na filosofia do Budismo.

Depois da Segunda Guerra Mundial, juntamente com os japoneses que vieram pra cá, o Budismo através dessa organização veio junto com eles. Então, mais ou menos a partir da década de 60 nossa organização existe legalmente no Brasil.

Na verdade, o que tem a ver com a colônia japonesa é que ela trouxe. Porque a prática budista não visa um setor, é para toda a humanidade. Os japoneses que vieram pra cá visavam a propagação do budismo para toda a humanidade. A prática budista não representa a cultura japonesa, mas faz parte da cultura japonesa.

Siddharta Gautama ensinou em vários períodos conhecidos como *hinayana* e *mahayana*. Dentro do *mahayana* estão os ensinamentos superiores ao sutra de lótus. Com o tempo esses ensinamentos foram se perdendo, toda aquela parte do Nepal, da Índia, do Budismo tibetano faz parte do ensinamento de uma mesma pessoa, mas de um ensinamento provisório. Ele ensinou para preparar as pessoas para compreender aquilo que ele iria ensinar. Então foi passado pelo mundo o budismo e quando chegou no Japão, o buda Nichiren Daishonin percebeu o verdadeiro ensino do Buda Shakyamuni e ele resgatou o ensino correto de Shakyamuni.

A ligação com os japoneses daqui foi mais estreita no passado, porque fazia parte de um núcleo mais fechado. Quando os imigrantes chegaram, depois da segunda guerra mundial, eles só sabiam falar japonês, então só se comunicavam entre eles. Na medida em que foram nascendo os filhos e foram aprendendo a língua portuguesa, foram se relacionando com outras pessoas que não eram japoneses, então com o tempo essa ligação deixou de ser tão estreita. Mas tem muitos membros da colônia japonesa que são de religiões diferentes, então a gente não mistura essas coisas, respeita, mas não mistura. Na realidade, graças a esses imigrantes japoneses nós hoje temos essa organização de Budismo aqui no Brasil, mas a relação é essa.

Foi se abrindo, se abrindo, se abrindo. Hoje tem mais ocidentais que orientais na nossa organização. Em Bauru desde a década de 70.

O Buda é o iluminado, ele não é um ser superior, é uma pessoa como nós que se iluminou a realidade da vida. O que a prática budista procura é que cada indivíduo se ilumine a essa realidade da vida, dessa forma poderá ser feliz. Como nossa organização é uma ONG filiada a ONU, aliás a maior ONG em quantidade de membros, nosso objetivo é a paz da sociedade, a paz do indivíduo através da promoção da cultura humanista e da educação

embasadas na filosofia budista. Na verdade o objetivo principal é cultivar o humanismo dentro de cada indivíduo.

A gente não faz propaganda na mídia e a propagação é feita de uma forma que gente chama de 'coração à coração', quando eu me relaciono com alguém, um amigo, um funcionário do lugar onde trabalho e vejo que essa pessoa está com dificuldades, eu apresento ele ao budismo para melhorar sua condição de vida. É através do diálogo.”

Entrevista 7 – por e-mail

Massashiro Yanagiwara, ex-membro de diretoria e atual membro colaborador do Paulista Jinja

“Atendendo ao seu pedido, farei um breve relato da fundação da Igreja Paulista Jinja. Situado no Bairro Barroirão, Município de Avaí-SP. Desta forma, possa esclarecer e responder às suas perguntas.

Nos anos 60 do século passado, residiam nas proximidades do bairro barracão moravam centenas de famílias de descendência nipônicas. Ali a grande maioria cultivavam a amoreira, plantas estas, que serviam de comida para as larvas do bicho da seda , até chegar a fase adulta para tecerem seus casulos e ali ficavam até se transformar em borboletas; se continuasse o processo da natureza. Mas aí o processo era interrompido; os casulos eram vendidos para as fábricas de fiação de seda; onde se colocava os casulos para cozer; portanto os bichos das sedas eram sacrificados para extração dos fios de sedas que se transformavam em outro processo de tecelagem em lindos tecidos para satisfação e egoísmo do homem. Esquecendo-se nesta hora, dos milhões de sacrificados e agressão ao processo natural da Mãe Natureza.

Quando surgiu uma brilhante e iluminada ideia do sr. Massakita Beppu, de se fazer um ‘culto ao bicho da seda’ e convidou o parente e amigo o Bispo Tamotsu Sato da Igreja Daijingu do Brasil, templo xintoísta, com sede na cidade de Arujá, SP, isto em 1963, numa capela de sapé em seu sítio, no bairro Barroirão. Este ritual se repetiu todos os anos, até 1972, quando esteve em sua residência a mestre superiora da Igreja Daijingu do Brasil da cidade já citada, a

sra. Suguiko Morishita, em companhia da sra. Okabe que sugeriram aos srs: Tsukane Tanaka, Tetsuo Honda e Sadagi Kotsubo para a construção de um templo xintoísta digno da Divindade. Estes senhores com apoio também dos senhores Yoshio Massuyama, Yoshiyaki Ando e o sr. Massakita Beppu (idealizador e excelente marceneiro) e é claro com apoio dos seus filhos e familiares encararam este desafio. Em julho do ano seguinte, 1973, estava-se inaugurando o templo Paulista Jinja no terreno Escola Barroço, terreno doado gentilmente pela família Beppu; que são 11.750 metros quadrados, onde já tinha sido construído uma escola municipal e também uma sede social (kai-kan). Desde então, num ato contínuo, todos os anos nos meses de julho, faz-se a celebração do culto ao bicho da seda, e culto aos nossos antepassados. Hoje, novos tempos, não temos mais matança dos bichos da seda, pela emigração em massa dos moradores rurais para as áreas urbanas, principalmente para Bauru, mudando, obviamente as suas atividades. Mesmo indo para a cidade, a comunidade nipônica acostumada ao trabalho de socialização, da espiritualização, à fraternização, não deixaram de se engajarem em instituições filantrópicas e religiosas da cidade ali existentes.

Com isto, conseguindo a simpatia de todo e aos poucos foram divulgando e fazendo novos simpatizantes da comunidade bauruense a tornarem-se adeptos e simpatizantes do templo Paulista Jinja, uma igreja xintoísta (culto aos deuses da Natureza). Todos os anos, desde a sua fundação em 1973, no mês de julho, portanto há 30 anos é feito o mesmo culto e agregado do culto aos nossos antepassados e também um culto de proteção aos veículos. Diga-se de passagem, que este culto é uma festança tamanha; que a semana é reservada às limpezas, pinturas, podas, capinas e no sábado a montagem do cenário festivo, com participação do mesmo Bispo Tamotsu Sato da Igreja Daijingu do Brasil de Arujá. Em ocasiões especiais eles trazem de Arujá o “Omikoshi” (uma réplica do templo originário do Japão) simbolicamente Deus está presente dentro dele. Existe um misticismo que, ao carregá-lo, Ele flui os milagres de coisas maravilhosas, às pessoas que estão exaltando-O. E hoje contamos com toda comunidade bauruense, duartinense e

de todas comunidades da região simpatizantes do Xintoísmo (independentes da sua religião) que doam seus tempos para prepararem a grande festa anual.

Esta festa, inicia por volta das 10 horas com o culto pelo Bispo, seguido de um culto de proteção aos veículos, seguido do almoço e finalizando com karaokê. É muito interessante e gratificante para nós membros ver tantas pessoas solidárias, em buscar manter a tradição da cultura dos nossos antepassados. A igreja sobrevive com as doações recebidas dos seus membros e das doações recebidas no dia da festa (em forma de envelope). Todas as receitas são convertidas em doações, recepção dos convidados no dia da festa, e o que sobrar para investimento no local. Desde julho de 2000, a igreja está legalizada no Estado, com CNPJ, escriturações. Até janeiro de 2012 esteve à frente da igreja o Sr. Tsukane Tanaka, e hoje está presidindo o Sr. Tadashi Kotsubo, filho de um dos fundadores. (Nota: faleceu ontem 11 de janeiro 2014 o ex-presidente Tsukane Tanaka; estamos em luto)

Quanto ao princípio do Xintoísmo: existe há pelo menos 2000 anos, pode ser considerada uma religião genuinamente japonesa, com origens que se confundem com a do próprio povo. Kami no miti (caminho dos deuses). Baseia-se numa mitologia panteísta com inúmeras divindades que atribuem valor sagrado a todos os elementos da natureza. Na verdade, tudo no Universo é Divino para essa concepção, sendo interligados e interdependente de forma que não só os seres vivos, mas o vento e a água, as pedras, a montanha, e todos os níveis invisíveis da natureza, coexistem em harmonia tendo se originado da mesma fonte.

Uma das mais importantes características do ritual xintoísta é a purificação do corpo e da alma. Temos que mencionar outra característica do Xintoísmo é a harmonia com a natureza, o praticante busca se familiarizar e se integrar com a natureza num comportamento simbiótico, de onde ele tira seu sustento mas também deve retribuir. Dessa forma a sobrevivência depende do entendimento do ser humano com toda a estrutura vital a sua volta, considerando-se uma parceira e um guia.

O Xintoísmo exalta a necessidade do oriental em geral, mesmo há dois milênios atrás antes de qualquer concepção ecológica, que o homem deve

viver em harmonia com a natureza; mesmo porque se analisarmos as condições geográficas e climáticas daquele país, sem dúvida são uma das mais implacáveis do mundo, com grande número de vulcões ativos, terremotos intensos, maremotos e furacões devastadores.

O estudo do Xintoísmo é vital para o entendimento da cultura japonesa, sua visão de mundo determina boa parte do comportamento nipônico, como sua capacidade de adaptação de novas ideias ao mesmo tempo que preserva as antigas, sua boa recepção a novas culturas e ideias, seu comportamento que valoriza a higiene e a sua saúde e seu sentimento de nacionalismo.

O legado dos fundadores do Templo Paulista Jinja é deixar implantado as raízes da cultura milenar da sua terra natal que exalta a necessidade do homem viver em harmonia, respeito e muito Amor com a Natureza, Universo, Deus, tudo é Deus.

Quanto a mim, meu nome é Massashiro Yanagiwara, já atuei em diretorias passadas, mas hoje sou apenas membro colaborador do Paulista Jinja, e estou, contando com prazer e honra um pouco da história da igreja que meu pai, Masao Yanagiwara in-memoria; que ele foi integrante e participante ativo desta igreja.”

Bloco 9 – Matéria: “Uma questão de costume”

Entrevista 1 – pessoalmente

Rosalinda de Moraes Tadano, 52 anos, cabeleireira

Iocho Tadano, 53 anos, microempresário

Como vocês se conheceram?

Iocho - Eu conheci a Rosalinda lá na ‘terra do nordestino’, que é São Paulo. Eu fui também para São Paulo para trabalhar e Rosalinda também veio do Nordeste para São Paulo.

Rosalinda - Tem uma história interessante: eu trabalhava no Mappin, uma loja que vendia porcelana, pratos, esse tipo de coisa, e, no final do ano, ele foi comprar um jogo de pratos para a mãe dele, era um presente de Natal

para a mãe dele. Foi quando a gente se conheceu, porque eu vendi para ele o jogo de pratos. Daí, a gente começou a conversar, ele me chamou para tomar café e pronto, foi assim que a gente se conheceu...através do jogo de pratos da mãe dele.

lochio - É que ela escreveu o telefone dela no pacote do embrulho!

Rosalinda - Eu risquei de leve, bem de leve no pacote, mas dava para ele ler!

E daí como vocês vieram para Bauru?

lochio - A minha família é de Bauru, eu fui só para trabalhar em São Paulo, depois voltamos para cá.

Rosalinda - Ainda ficamos mais ou menos um ano em São Paulo depois que nos conhecemos.

lochio - Em 1985 voltamos para Bauru, porque ela estava grávida da Érika.

Rosalinda - Então casamos aqui.

Rosalinda, antes de conhecer o lochio, qual era o seu contato com a cultura japonesa?

Rosalinda - Eu fui uma vez no baile de Carnaval num clube-nipo em São Paulo, que foi meu único contato com festa japonesa.

lochio - É pitoresco pelo seguinte: no Nordeste, pelo menos na época, não tinha tanto japonês. Mas a Rosalinda já tinha tido envolvimento com outros namorados orientais, dois namorados, que seriam seus contatos com a cultura japonesa.

Mas com o tempo de convivência, houve alguma mudança no seu dia a dia de vocês?

Rosalinda- Acredito que a comida, ele até que fazia bastante coisa japonesa.

E quais foram suas primeiras impressões um do outro?

lochio - Pra mim, a Rosalinda foi o primeiro envolvimento com uma pessoa nordestina. Foi um negócio totalmente às avessas. Foi um choque, assim, talvez até de cultura porque éramos muito diferentes. Um era do interior e outro tinha uma formação oriental e rígida, coisa da nossa época mesmo.

Rosalinda - Eu era diferente, gostava de dançar, de forró. Ele, desde o comecinho do casamento, tentava balançar, sacudir, quando tinha uma festinha. Mas ficava meio assim, né, de um jeito estranho? Você lembra quando a gente fazia as festinhas familiares? A gente colocava um sonzinho de forró... Eu sempre procurava dançar, porque era a minha cultura, meu jeito de escutar e dançar o forró, mas o lochio não curtia muito. Depois, com o tempo, mas principalmente depois que a minha irmã casou com o irmão dele, foi quando as coisas mudaram, nem foi tanto por influência minha. A minha irmã que transformou mais o pessoal da família dele, porque antes eles eram mais fechados em tudo. Mas eu também acabei entrando um pouco no ritmo dele, que é mais tranquilo, mais de ir para o serviço e ir pra casa.

lochio - Mas uma parte bem legal e destacada é que, quando a gente começou a se conhecer, houve um choque de cultura em tudo. Tinha comida que a família dela comia que eu ficava: “nossa, eu não vou comer isso aí!”

Rosalinda - Até hoje!

lochio - Uns negócios de pé, pescoço e cabeça de frango – passei por tudo isso aí! E tinha valores que para ela valia uma vida e que pra mim não valiam nada e vice-versa... Nós dois tivemos que nos adaptar para manter uma vida. Às vezes, falando hoje, até parece brincadeira, mas foi um negócio muito difícil. Cada um teve que entrar com 50% de guardas abaixadas, porque as diferenças culturais eram muito grandes.

Rosalinda - Em São Paulo, eu morava com duas irmãs. Daí, quando eu casei com o lochio, uma delas foi para Brasília e outra ficou lá. A irmã que casou com o irmão do meu marido, fazia 12 anos que eu não a via. Só fui reencontrá-la lá na casa da outra, em Brasília. Aí, eu falei para ela que tinha um cunhado solteiro, que estava procurando alguém para casar também, então, chamei ela para cá, ela passou dez dias aqui, eles começaram a namorar e casaram, mas ficaram casados só nove anos, tiveram dois filhos e

separaram. Antes de conhecer mais o lochio, eu não pensava tanto na cultura japonesa, só sabia que sentia atração por oriental, mas não me ligava muito no que ia ser o convívio com a cultura. Só que, depois, eu estranhei também, nem tanto pela comida, pois a gente foi buscando mais as coisas brasileiras. Agora, na parte de religião, a dele é uma e a minha é outra, mas quando nos casamos, não seguimos muito e acabamos nos afastando, mas essa seria uma outra diferença.

Depois que vocês vieram para Bauru, como foi a apresentação dela para a família?

lochio - Quando nós viemos pra cá, a Rosalinda já tinha um filho, que é meu enteado. Na época, eu até esperava que houvesse, talvez, uma rejeição por parte do meu pai e da minha mãe. Então, quando eu vim aqui, eu já vim dizendo: “olha, eu não vim pedir para que vocês aceitem a Rosalinda, eu vim comunicar que estou casando com ela. Se vocês não quiserem mais que eu venha aqui de agora em diante, então pronto, daqui eu saio, mas eu quero viver com essa mulher”. Eu não fui querendo que eles abençoassem ou compreendessem. Felizmente, a acolhida foi ao inverso, de prontidão eles aceitaram, diferente do que eu esperava.

Depois de um certo tempo de convivência, quais hábitos/costumes vocês adquiriram um do outro? Teve essa troca?

Rosalinda - Eu comecei a comer mais verduras, antes eu não comia muito nem sabia preparar, não tinha esse costume, eu aprendi com ele.

lochio - Eu fazia a minha comida!

Rosalinda - Olha a diferença: a minha comida é seca e a dele é molhada. Eu coloco farinha, essas coisas!

lochio - Para tirar a timidez, a gente entrou no clima deles, fomos para a pista de dança pra brincar e tudo, meio sem jeito, meio levando bronca, meio de qualquer jeito, mas a gente foi!

Rosalinda - Mas demorou bastante tempo! Daí que eles vieram para esse lado, para se integrar na cultura de dançar forró. Ele fez até curso de dança.

lochio - Como a gente disse, em relação à comida, a gente fica no meio termo. Mas até ela, talvez, depois de tanto falarmos “ai credo, tenho nojo, não quero comer!”, também começou a ter um certo receio de comer determinadas coisas. Agora, quando ela junta com algum conterrâneo dela, aí come.

Rosalinda - É, quando estou só com eles aqui, tenho que colocar os pés do frango para lá. Mas quando minha irmã vem, aí eu coloco!

Vocês demoraram ou tiveram alguma dificuldade para se acostumar com algo da família um do outro?

lochio - Ah, até hoje tem coisa difícil de ela aceitar: o meu jeito de me expressar, o meu jeito de respeitar o outro, para ela, dependendo, já é pra brigar e o caramba a quatro. Tem coisa que para mim não compensa brigar. É o meu jeito ser mais calado, relevar muito... Eu sou do tipo que pensa muito para falar. Mas a Rosalinda é mais do tipo que fala primeiro. Mas é coisa da cultura, cada um com um jeito de se expressar.

Em relação aos seus filhos, o que você, lochio, procurou passar?

lochio - Eu tentei passar mais a cultura japonesa, mas, do que eu tive de aprendizado, eu consigo passar só 50% para os meus filhos, porque 50% vai vir do lado dela. Acredito que houve um equilíbrio até bom, porque as crianças podem se expressar do jeito que quiserem, se calar no que devem e se elas quiserem se expressar ou falar de um jeito mais aberto é o lado que vem da Rosalinda.

Rosalinda - Essa educação de respeitar as outras pessoas é a parte que vem mais da família dele.

lochio - Eu acho que dessa mistura as nossas crianças só tiveram a ganhar, um lado mais zen e outro lado que age mais. Mas além disso, cada criança nasce de um jeito diferente.

Vocês participam de alguma atividade do Nipo ou de outra comunidade japonesa aqui em Bauru ou região?

lochio - A única atividade que participamos do Nipo é o Undokai.

Rosalinda - Desde que nós viemos para cá participamos, já faz uns 28 anos.

lochio - Quando as nossas crianças cresceram, a gente até se distanciou um pouco, aí veio a nora, os netos, daí volta outra vez para o Undokai, mas mais por causa dos netos. Lá é um piquenique gigante! A gente ainda gosta de fazer *obentô* (uma espécie de marmitta japonesa), de fazer comida e levar... Principalmente eu, e não a Rosalinda!

Rosalinda - É que a comida dele é melhor, eu lavo a louça.

Nas horas livres, quando estão juntos, o que mais gostam de fazer para passar o tempo?

lochio - A gente já gostou muito de ir em bailes, fizemos até parte de uma associação de bailes aqui em Bauru, mas hoje...

Rosalinda - É assistir televisão!

lochio - É...

Rosalinda - Eu acredito que a maior parte do tempo foi mais isso, televisão, a fase de bailes foi por pouco tempo. Hoje é mais ficar em casa.

lochio - Eu adoro andar de moto, mas quando ela está trabalhando, eu vou andar de sábado à tarde.

Rosalinda - Às vezes a gente sai para tomar um lanche, mas vai todo mundo.

lochio - De final de semana a gente sai para almoçar, para andar no shopping... Hoje em dia eu sou mais de ir no shopping do que pescar... Eu não gosto muito de pescar, mas gostava de andar com a galera pescadora, junto com meu irmão.

O que mantém vocês unidos até hoje, depois de 28 anos de casados?

lochio - Acho que é a falta de dinheiro, hein?

Rosalinda - Olha a promessa que eu fiz, de casar e nunca largar ele!

lochio - Mas falando sério, eu acredito que é preciso ter companheirismo e o entendimento, porque em relação nenhuma ambas as partes gostam igual.

Alguém tem que gostar muito e relevar muito. Eu acho que enquanto existir respeito, carinho e amor de uma das partes, o negócio continua em pé.

Qual é a melhor e pior parte de estar casada com um descendente de japonês?

Rosalinda - A melhor parte é que ele é muito família e caseiro. A parte mais difícil, pelo menos no começo, para mim, era o jeito calado dele. Até quando a gente brigava eu brigava sozinha, e isso eu achava ruim, queria que ele brigasse junto.

lochio - Interferindo um pouco na resposta da Rosalinda, eu acredito que a mulher com tradição mais brasileira casa com um descendente de oriental também pela estabilidade financeira, a mulher não precisa esquentar muito com essa parte.

Rosalinda - Não é que ele era rico nem nada, mas talvez a gente pense nesse lado em ter uma pessoa honesta e trabalhadora, uma segurança.

lochio - Falando de modo geral, o nipônico é bastante centrado para trabalhar. Até por causa disso, a gente até fica meio mal, centra muito a responsabilidade no serviço, em gerir a casa.

E você, lochio, acha que a Rosalinda fez um “bom negócio” casando com você?

lochio - Ah, eu acho que não... Mas o que a vida pode proporcionar a nós, eu acho que isso não mede em termos de felicidade. Mas dentro do contexto que nós temos, poderíamos ir muito mais longe, mas acredito que vivemos relativamente em paz e de modo tranquilo. Quando eu conheci a Rosalinda, o primeiro filho dela estava com um ano, mais ou menos. Em momento algum, ele, o Igor, deixa de ser meu filho. Não tem jogo fechado nenhum, ele sabe que ele tem o pai dele. Eu acho que eu o adotei como filho e ele me adotou como pai. A gente nem usa o termo enteado. “Mas amanhã, talvez”, você me pergunta, “você faria tudo outra vez?”. Creio que sim. Talvez eu estava atrás de novas emoções, por isso não casei com uma japonesa.

Bloco 10 – Matéria: “Sabor diferente”

Entrevista 1 – pessoalmente

Marcus Molina, 39 anos, de Bauru, sócio proprietário do Restaurante Noboru

“O Noboru funciona há 18 anos. Eu sempre trabalhei nessa área. Desde os 23 anos. Eu comecei como garçom aqui no restaurante mesmo. Conforme foi passando o tempo eu fui aprendendo a parte de sushi, a parte de cozinha quente. Fiquei durante sete anos aqui, depois saí e montei uma empresa fora e retornei com o Alexandre, que é um dos sócios atuais (nessa época o Noboru era da mãe do Alexandre). O restaurante foi montado em 1995 pelo senhor Noboru Shinokawa e a senhora Leiko Muto, que são, respectivamente, padrasto e mãe de Alexandre.

Na época de garçom eu já tinha interesse pela área de sushi, foi aí que eu comecei, tanto a servir como ajudar eles na cozinha, fui aprendendo com o tempo. A culinária do Noboru era bem caseira. Na época deles o forte eram as comidas quentes, que eram o teishoku especial, que vêm um pouquinho de tudo: tempurá, sashimi, peixe grelhado, tsukemono (conserva de legumes), gohan (arroz) e sushi.

Nós continuamos com os pratos que eles sempre fizeram e viemos modernizando um pouquinho. Cozinha quente eu permaneci no que sempre foi, o que mudou bastante foi o sushi, que hoje a gente tem que mudar por causa do público brasileiro.

Comecei a trabalhar no Noboru em 1997 e saí por volta de 2003 e fiquei quatro anos fora, com uma empresa e depois voltei em 2007. Os sócios são Marcus Molina, Fabrício Balarelli, João Gorla e Alexandre Kamel.

Era uma casinha bem simples e nós fizemos uma mudança, uma reforma geral, pra modernizar e dar maior conforto. Mudamos o cardápio visando agradar ao paladar brasileiro. São sushis criados pelos sushiman, combinações do chef. A gente elabora os sushis e tem quatro tipos de prato que você não sabe o que vem, você tem que pedir pra ver qual foi a

combinação do chef. São gunkans (sushis com a alga enrolada por fora) com as especiarias em cima, nisso vem alho-poró, couve frita. Todos que trabalham aqui eu fui ensinado da minha maneira, do modo como eu aprendi. Eu cuido da parte administrativa e faço as compras, eles fazem o pré preparo e dependendo do dia eu to junto, porque tem coisas que eles não sabem. Tenho algumas pessoas que já trabalham há muito tempo com cozinha chinesa e japonesa, então você agregando conhecimento de um e de outro e a gente chega em um determinado consenso em relação às receitas. Todos experimentam, falam se ficou legal, então começar a surgir as novidades dessa forma. Eu viajo bastante pra São Paulo e Rio de Janeiro pra ter conhecimento, vou sempre aprimorando, vendo o que está sendo feito nas grandes capitais, que hoje são referência.

Como o Alexandre foi duas vezes pro Japão (morou por cerca de seis anos lá), ele tem bastante conhecimento. Assim você conhecendo as coisas e vai se aprimorando, é lógico que você tem que trazer as coisas de lá e adaptar pra cá, porque lá a maioria das comidas é bem doce. E a gente não vai conseguir que o brasileiro se acostume com isso, então no sukiyaki você tem que mudar o tempero.

Uma característica da culinária japonesa é o tempero suave, tudo que a gente faz envolve pouco sal, pouca pimenta do reino, pouco Ajinomoto, é um toque um pouco mais delicado de tempero. Usa-se mais temperos baseados em caldo de peixe (hondashi), puxa um pouco mais pra parte de peixe do que estamos acostumados, que é mais carne bovina e frango.

A gente tem um saleiro na mesa porque o tempero é feito dessa forma e depois, se quiser, você pode acrescentar. Se usa muito shoyu e é você mesmo que vai adicionar esse shoyu pra deixar um pouco mais salgado. Quando eu vou cozinhar pra alguns japoneses da Ajinomoto ou da Ebara, que vem de Japão, eu praticamente corto o sal por inteiro e mesmo assim eles comem e acham salgado. Tem um amigo nosso que levou eles numa churrascaria e ele ficaram horrorizados com a quantidade de sal.

Pelo Noboru ter sido um dos primeiros restaurantes japoneses de Bauru e pelos donos sempre terem sido japoneses, essa tradição faz com que o

público japonês frequente o nosso restaurante. Fora que o senhor Noboru e a dona Leiko sempre tiveram uma mão excelente pra cozinha. Eles começaram a fazer, os pratos deram certo e com isso mantiveram o restaurante por doze anos. Aí eles estavam um pouco cansados, falaram em vender e por eu conhecer o filho deles, e sempre trabalhar aqui com eles, veio a proposta da gente comprar.

Quinze anos atrás era mais difícil, pois não existiam lojas de conveniência japonesas na região. Hoje existem duas lojas em Bauru (Dai-Iti e Ikebana). Então antigamente se comprava tudo na Liberdade, uma vez por semana você tinha que estar indo à São Paulo pra comprar os produtos. Agora diferença de preço tem bastante da capital pra cá. Aqui você encontra os mesmos produtos só que de 10% a 15% mais caros.

O prato mais pedido são os sushis e as combinações (barcos, que vêm um pouquinho de tudo).

Eu tive minha primeira experiência com o trabalho culinário no Noboru e nunca trabalhei em restaurantes não japoneses. Eu sempre tive amigos japoneses, então sempre frequentei as casas deles e desde criança eu sempre comi coisas que as pessoas achavam estranhas. Quando eu tinha doze anos de idade, nenhum brasileiro sonhava em comer sushi. Então eu tava lá na casa da baa-chan e ela fazia sushi do jeito mais tradicional (chamado de makizushi), que ia cenoura, vagem. Então quando se popularizou o sushi aqui no Brasil eu já conhecia há um bom tempo.

Comida quente é o que agradou mais os brasileiros, agora a parte de sushi não são todos que comem. É por isso que você tem que ter uma boa comida quente e um bom sushi pra você agregar as duas coisas. Tem pessoas que não comem sushi bem mas comem uma chapa de filé (teppanyaki), que depois do yakisoba é o que tem mais saída para os brasileiros. Eu e o Alexandre sempre estudamos juntos.

O meu prato preferido é o karê e o preferido dos japoneses é o teishoku especia. Ele vai abranger tudo. Você tem tsukemonos (conservas de nabo, gengibre, pepino, etc), Gohan (arroz branco), missoshiru, peixe grelhado, sashimi e tempura, é um prato completo na verdade.”

